Salomão Rovedo

I L H A



Mais Uma
Editora
Rio de Janeiro, 2000

INTRÓITO ESFARRAPADO

"Honni soit qui mal y pense."
(Vergonha quem disto pensar mal.)

Para se livrar da pecha de mentiroso o autor pediu para escrever este prefácio, querendo me fazer avalista das estórias que ele pespegou na alvura do papel virgem. Primeiro tentou difamar meus relatos maldizendo: “Informante é uma praga, um desalmado. Isso mesmo: desalmado, sem alma: fala, mas não garante. Pois fique sabendo que vou publicar tudo aquilo que me contou – e assinar embaixo. Só espero que seja a pura expressão da verdade.”

Não tem problema. Meu Vô João resmunga com toda razão: [

“A verdade é a verdade, nada mais que a verdade e o que não é verdade não é verdade."

E mais:

" Se uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa."

Esta estória está, pois, defecando verdades e vomitando mentiras. Quem acreditar que creia!

Então, tudo que eu disse está dito e toda a nação de coisas que disse é facílimo de entender, porque o que é verdade à luz da lamparina, também é verdade à luz do Sol. Faço minha a advertência que copiei do filósofo Platão: "Depois das mentiras, o maior vício de uma obra histórica é estar repleta de minuciosidade."

Nada posso jurar de pés juntos porque sei que a mentira é como bola de neve, quanto mais rola mais aumenta. Estória é como boato: corre vadia de boca em boca sem rumo. Ainda sigo o Vô João: “a verdade é muito importante para ser dita pela metade." Sei que o caminho da verdade é tortuoso, mas mentira, mentira mesmo, dessas cabeludas, não contei nenhuma, nenhumazinha mesmo. Bem, talvez uma ou outra, pequeninha, que ninguém é perfeito...

Temos que fingir acreditar na memória, porque dela não podemos ser expurgados como Adão foi do Paraíso. Ninguém mente pela metade: quem mente, mente tudo, mente toda a mentira. Como não existe a meia verdade, não existe a meia mentira. A mentira tem pernas curtas.

Impossível, lógico, assumir toda a responsabilidade sozinho. Se a verdade é filha de Deus, a mentira é filha do Diabo e sendo católico praticante acredito nas capetices do Malino. A própria Bíblia, o livro dos livros, ensina: "Todo homem é mentiroso." (Salmos, 115-11). Como o autor é o pai do livro que escreve, o mentiroso é o pai da mentira que conta. Não pode ser diferente. Quem pariu Mateus que o embale...

Faço minhas as palavras do sábio: *"o historiador é um pateta que olha para trás..."* e me calo.

"Hei de fazer com que te lembres sempre
deste lugar, deste dia e de mim."
Terêncio

A estória destas notas começou quando voltei a São Luís, após ausência de quase 30 anos. A morte do velho João, meu pai (nem era tão velho assim: morreu aos 57 anos), não deixou escolha. A maioria dos familiares da matriarca, dona Mizika, morava no Rio de Janeiro – e lá fomos nós, de mala e cuia. Por isso, preparei a cabeça para a migração sem planos de voltar. Meti na idéia que nos fixaríamos no Rio de Janeiro para tocar a vida: estudar, trabalhar, sobreviver. E assim foi: casei, tive filhos – um garotão e duas meninas gêmeas, plantei meu pé de milho, escrevi um livro. Saí com 20 anos, voltei quarentão. Retornar foi como levar uma porrada. Pra consertar o baque tive que tomar vários porres, fazer notas, juntar idéias, vomitar este pequeno volume. Alguns podem dizer que em vinte e tantos anos o lugar muda muito. Pra mim São Luís não mudou: só vi o que quis ver. Meu prazer foi andar à toa, tomar cachacinha e tiquira, comer porcaria nos becos e mercados, buscar o menino que eu fui. Foi divertido porque realmente esbarrei com aquele moleque a todo instante. Escrever, distrair essa fase chata da vida, ter alegria, tristeza, emoção. História ou estória? Verdade ou mentira? Essa sinuca deixo pra quem ler. Contei minha lenda, agora passo a bola pra vocês.

ATRACADO NA RELEMBRANÇA

"A ilha é aonde
náufrago chego".
José Chagas

E assim chegamos ao começo do fim, ou ao fim do começo, ou ao começo do começo, sei lá, talvez tenhamos chegado mesmo é ao fim do fim... Então fica o dito por não dito. Declaro, para todos os fins e direitos que tudo que vocês vão ler, se não for verdade é mentira. E aquilo que não for mentira é verdade.

Começa com aquela maravilhosa vista aérea da Ilha, que tive ao chegar. Os índios, habitantes primevos, certamente nunca tiveram essa visão. Vista do alto a Ilha parece pequena em sua limitada geografia e bem diferente do que aparece nos mapas. Os rios sinuosos, cintilantes ao sol, serpenteiam entre a mata e vão se perder em alguma embocadura rumo ao mar.

O que é afinal uma ilha? Saloca não teve dificuldade para responder, usando o velhíssimo jargão escolar: "É uma terra cercada de água por todos os lados." Mas na geografia do que faz palpitar o coração, a Ilha não se define assim tão simplesmente, é indescritível e tem tantos sentimentos quanto a mulher mais apaixonada.

Tantos anos depois de ter saído daqui, o retrato parece o mesmo, a mesma velha Ilha que um dia me viu crescer e, anos depois, abandoná-la em busca de novos rumos. Com a preciosidade de guia turístico, ainda é Saloca quem me relembra: “A cidade foi mandada erguer por Luís, Rei de França, que um dia quis plantar aqui o seu Reino Equinocial. Mas onde ergueram paliçadas acharam instalado o pacato reino dos índios Tupinambás.”

Depois a Ilha virou cobiça de outros – estrangeiros e brasileiros em busca de quais riquezas? – e por longo período não teve paz. Holandesa, portuguesa, inglesa, outra vez brasileira com vários sotaques, depois grã-paraense, foi nação Mina. Já foi até jamaicana – tantas outras nações, ritmos e falas aqui aportaram que é impossível listar todas!

Mas todos, sem exceção, foram expulsos pelos valorosos soldados maranhenses: "No dia em que era inevitável a derrota, Nossa Senhora transformou areia em pólvora lá no Outeiro da Cruz." Saloca conta o milagre com tantas minúcias, como quem dá aula de história, ignorando que aquelas batalhas eram, na verdade, tristes carnificinas.

É claro que a pretenso guia turístico (com certeza o velho Vô João dele irreverente diria: "Um guia turístico de merda!"), não cabe saber toda a verdade e alguns detalhes importantes. Milagre mesmo foi a resistência dos ilhéus que, ajudados pelos índios, derramaram seu sangue para expulsar os batavos. A guerra foi cruenta e desastrosa: ao fim da batalha, a cidade estava completamente destruída, em ruínas.

Os primeiros donatários das terras que incluíam a Ilha não conseguiram sequer tomar posse, porque o primeiro grupo, formado pelo banqueiro João de Barros (Feitor da Casa da Índia), associado ao capitão-mor Aires da Cunha e ao tesoureiro-mor do Reino

Fernão Álvares de Andrade, jamais chegou à Ilha: a frota de 10 navios, com 900 homens e 113 cavalos naufragou na altura do Golfo do México e dela jamais se teve notícia.

A Capitania do Maranhão passou, então, para a posse de Luís de Melo e Silva, cuja frota que teve a ajuda do Rei acrescentando-lhe mais três navios e duas caravelas, também naufragou. De formas que, o primeiro explorador a realmente atracar na Ilha e fazer contato com os nativos foi o francês Jacques Riffault, em 1594 e aqui deixou o Cavaleiro Charles de Vaux, que se estabeleceu acompanhado de grande tropa. Animado com as informações, o Rei Henrique IV da França determinou a exploração da região, que tinha terra fértil, dadivosa e prometia muitas riquezas.

Então entrou em cena Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, nomeado para desempenhar, juntamente com Charles de Vaux, a incumbência régia. Quando voltaram à França, após seis meses de permanência na Ilha, tiveram triste notícia: o Rei Henrique IV tinha sido assassinado, apunhalado por um fanático. Sucede-o o filho Luís XIII e como ainda era menor foi nomeada Regente sua mãe Maria de Médici, que não tinha tanto ânimo pela aventura.

A expedição, que iria consolidar a tentativa de estabelecer a colônia francesa além da linha equinocial, somente chegou à Ilha em 6 de agosto de 1612, encontrando a vila próspera e foi em homenagem ao jovem regente Luís XIII que a cidade recebeu esse nome. Muito tempo depois, quando a Ilha se tornou totalmente brasileira, sabe-se que é mesmo, com todas as singularidades e cores, uma república particularmente sui generis, independente de todas as conhecidas no Brasil: a República Sanluisense.

"A Ilha já foi centro cultural do país. Vários filhos ilustres fizeram fama na Europa." Saloca estufa o peito para afirmar: "Era mais fácil na época, pela proximidade e poder aquisitivo, o sanluisense ir estudar em Paris, Coimbra e Londres, do que em São Paulo, Recife ou Rio de Janeiro." Ergue o braço direito em tom declamatório, como a estátua de Castro Alves em Salvador: "Quando voltava à terra natal, era sucesso certo nas letras, nas artes, nas leis. São Luís foi, por isso mesmo, cognominada Atenas Brasileira!"

Para gáudio dos historiadores, descobri que existem várias Ilhas-Gêmeas desta. Ninguém sabe, mas existem. Os açorianos, no passado, esta Ilha habitaram, um par de luas apenas, não conseguindo fixar raízes. Contudo, foram os fundadores da Ilha-Gêmea de Vitória. Expulsos daqui, não se sabe por qual motivo, tomaram a derrota do sul. Saloca dizque foi coisa de amor proibido, entre parentes, primos irmãos. Enfim, empreenderam a fuga e meses depois, fundeados numa baía, da mesma forma que Moisés viu a terra Prometida, acordaram na Ilha-Irmã, daquela de onde saíram açodados.

Por entre a bruma matinal viram, como sonho espetacular, surgir a natureza exuberante da nova terra. Espantados com o milagre, pois a terra era idêntica em beleza e harmonia, alguns até pensaram que tinham navegados meses em vão e que estavam na mesma Ilha! Constatada a realidade (era mesmo Ilha-Gêmea), a todos invadiu o sentimento religioso de que ali deviam aportar e plantar suas raízes. E assim foi.

Alguns ficaram ali, na primeira Ilha-Gêmea de Vitória do Espírito Santo, outros seguiram mar adiante. E novo milagre se repetiu: apesar de estarem realmente próximos do extremo sul, toda a fartura das matas, rios e morrotes, tudo ali era idêntico ao paraíso que

deixaram atrás. Praias, coqueiros, areia alva e lá por detrás, subindo os montes, muita mata, fartura de frutas vistas à distância. E descendo sobre as pedras que se via ao sopé dos montes escorriam abundantes veios de água mineral cristalina. A terra dava sinais que já havia sido habitada e abandonada.

Saloca mostra que conhece a história da Ilha mesmo fora dela: "Consideravam os açorianos (e era a pura verdade), que ali certamente estariam a salvo dos sansardoninhos que os expulsaram da Ilha sem dó nem piedade."

Foi ali que sentiram o chamamento para aportar e fundar a segunda Ilha-Gêmea, batizada Santa Catarina...

Seja porque lembraram com saudade da Ilha do Pico, nos Açores (onde existe o Cabo com o mesmo nome) ou porque adoravam a santa padroeira das donzelas, martirizada em Alexandria no ano 307, seja, até, porque era novembro e chovia, o fato é que, caídos de paixão pela terra que o destino lhes entregou, habitaram a Ilha de Santa Catarina, com certeza Ilha-Gêmea univitelina desta Ilha que vos falo e da outra, Vitória...

E como que para corroborar a força do Destino, séculos depois, pelo mesmíssimo motivo de amores proibidos, a outra família, os Abul Boeyd (que abrasileiraram para Boabaid e Boabeyd), se dividiram e fizeram a viagem no sentido inverso. E esse é o motivo para ter Boabaid tanto na Ilha-Gêmea de Santa Catarina, quanto na Ilha-Gêmea de São Luís, quiçá na Ilha-Gêmea de Vitória. Está plantado, pois, sem mais nem menos, pé-de-conversa para historiador de fé investigar mais fundo.

E foi assim, ouvindo de alma gêmea a narrativa da proto-história da Ilha de São Luís, que aterrissei, muitos anos depois de ter partido, nas fermosas praias, pontas e pontais que cercam toda a Ilha, com o sentimento e a sensação de ser conterrâneo sem ser, de ser ilhéu cultivado sem direitos e deveres, turista com acesso a todos os segredos e a todas sem-cerimônias comuns aos nativos.

Como mesmo Saloca se resignou: "Visto assim de repente, depois de cortar os cabelos e se vestir como nós, tu
nem parece turista. Parece daqui mesmo." Recebi as boas vindas das nuvens alvas que mantêm a brisa constante e a temperatura média de 30ºC. Fui saudado pelo sabor exótico-erótico das frutas que nos deixam sempre com tesão. Fui abraçado pelo calor das praias, cujo jeito desleixado deixam-nas com aparência e ar de sempre desertas, aquele espírito de terra sem dono.

Mas principalmente fui maravilhosamente recebido pelo sorriso da mulher morena, de cabelos negros, escorridos, corpo recendendo a perfume, maciez e brilho do óleo de pau-rosa...

DERRAPANDO NAS CANTARIAS

"E porque tudo tem dois, três e mais nomes..."
Joaquim Itapary

Bem que eu quis reconhecer tudo sozinho, sem ajuda de ninguém, mas no primeiro beco em que as casas se amontoavam espremidas e exalavam o olor das vasas do mar, acabei me perdendo. Resvalei pelas ruas, escorreguei no lodo das escadarias, como as águas das chuvas, rolei pelo meio-fio em busca dos lugares que a infância tinha deixado incólumes. Nada reconhecia, nem mesmo encontrei as fontes onde matava a sede depois das correrias da adolescência. Não fosse Saloca aparecer por ali, como quem surge do nada, para me socorrer e eu tomaria o rumo do aeroporto muito mais cedo.

Por mais de três vezes tive certeza de andar em círculo e voltar ao mesmo lugar. E por mais de três vezes cumprimentei a estátua da Náiade, quieta e garbosa no seu pedestal, cântaro no ombro, de onde algum dia jorrou água cristalina. Por mais de três vezes sorri para ela, por mais de três vezes ela sorriu para mim o sorriso de pedra que o tempo não consegue enrugar.

Ao contrário da Náiade, que transmitia a sensação de perene alegria de viver, eu não vestia a túnica de algodão que, cobrindo parte do corpo, parecia nela tão confortável sob a canícula. A roupa moderna de tecido artificial me deixou suado, cansado e um pouco irritado. Convidei-a, por fim, a tomar refresco de pega-pinto com muitas pedras de gelo dentro do copo e uma rodela de limão. A Náiade sorriu agradecida e não aceitou, mas Saloca não se fez de rogado e pediu a coca-cola.

Muito aprendi com o cronista Joaquim Itapary, do qual me vali em citação capitular, que alerta aqueles que vêm à Ilha sem conhecê-la profundamente: "Pobre do visitante que, por azar, não encontrar alguém conhecedor dos descaminhos da cidade e que esteja com humor e disposição para prestar-lhe a informação precisa." Como toda cidade que se preza, a Ilha tem sua Câmara de Edis que, na falta de melhor fazer e por qualquer pretexto menor, muito se presta a viver trocando nomes de logradouros, querendo homenagear os cupinchas, naturalmente à custa de sacrificar a história local e despendendo erário público, só para complicar a vida dos turistas e visitantes. O cronista não gostou, eu não gostei, ninguém gostou.

Ainda bem que me apareceu Saloca. Melhor que nada...

Não consegui mapear detalhadamente a caminhada de desvios, mas certamente andei cruzando a Rua Grande, o Largo dos Amores, a Rua do Norte. Visitei duas vezes, sem querer, claro, a Praça do Panteão, onde vingam entre capinzais as ermas de filhos ilustres da Ilha, tendo como fundo o prédio branco de colunas romanas da Biblioteca Municipal.

Segundo Saloca, certamente passei pela Praça da Alegria, mas não me dei conta: "O Vô João dizque botaram esse nome na praça para que a população esquecesse as atrocidades e injustiças que se cometeram ali, quando era local de execução de condenados e se chamava Largo da Forca." Não sei se é o mesmo local em que descansei meus

pés doloridos no banco da praça, arborizada com pés de ficus tão velhos, tão velhos, que a idade deles se perde nos tempos. As árvores altas fecham as copas de tal modo que sombreava tudo, dando ao ambiente um tom entardecedor. Sanhaços, bem-te-vis, andorinhas e tico-ticos trinavam e pipilavam com intensidade ensurdecedora.

Menos cansado, arrisquei dar uma caminhada em volta da praça. Era realmente a praça musical: à esquerda, onde casas antigas e azulejadas se alinhavam lado a lado, fui atraído pelo som de um exercício ao piano que vinha do casarão cor-de-rosa, varava as frestas da janela fechada e ia fazer coro com o trino dos passarinhos. Foi um caminhar sereno em que, como num adagio, as notas iam diminuindo de intensidade ao mesmo tempo em que me distanciava.

Do outro lado vinha da Igreja Protestante o som de vozes afinadíssimas: era o coral, acompanhado de violinos e órgão, que ensaiava canções sacras. Deve ser essa a razão dos passarinhos, acompanhados por pianos, violinos e corais, cantarem com tanta disposição. Assim, descansados corpo e espírito, pude retomar a caminhada. Como não poderia ser a Rua da Paz, que gostaria de ter encontrado, certamente era a Praça da Alegria.

Recuperado o fôlego, mas sentindo sede e dor de veado, vim parar pelas bandas da Praia Grande. E aqui estou finalmente, sentado na cadeira de vime do bar que invade as calçadas e os paralelepípedos, repousando as pernas que me perderam no labirinto das ruas.

Daqui de longe, admirando os seios redondos, meio escondidos, meio expostos, brindei com esta maravilhosa bebida, o refresco de pega-pinto, ao sorriso enigmático da Náiade. Era, certamente, a guardiã eterna da Fonte Maravilhosa, que nos fornece aquele néctar feito com água mineral e raízes, de uma das suas nascentes. Embora Saloca não houvesse oferecido (ou talvez por isso mesmo), pareceu-me que a Náiade não trocaria o refresco de pega-pinto por nenhuma coca-cola qualquer.

A freguesia era pouca àquela hora e o garçom trouxe conversa. Nas cidades existe a população que sabe de tudo. Encontre o engraxate e saberá o que o povo pensa dos políticos; sente-se na cadeira da barbearia e conhecerá todos os ladrões e a gama de traições políticas; entre num botequim ou restaurante e o garçom discursará sobre religião e futebol; se tiver a sorte de encontrar a manicura, aí então descobrirá com quem o Rei traía a Rainha e poderá, fechando o círculo, amar todas as mulheres dali. Por fim, encontre o menino metido a guia turístico e conhecerá o engraxate, o barbeiro, o garçom e a manicura...

O sol já saía do pino do meio dia, mas atirava brilho e luz sobre os casarões tombados pelo patrimônio, cuidadosamente pintados e reformados, mantendo as características originais. Mais ao longe, quando o aclive das ladeiras aumentava, os telhados em série imitavam os arrozais em vastidão até perder de vista. Entre quarteirão e outro sobressaíam, apontadas para a imensidão do céu, as torres das igrejas e conventos carregadas de sinos de bronze. Saloca fitava o telhadeiral como quem conhece cada calha de azulejo, cada ninho, cada erva que ali brota das sementes deixadas pelos passarinhos.

A lei dos trópicos – e dela também havia esquecido – falou mais alto. De repente, sem aviso nem trovões, nuvens pesadas passaram sobre a Ilha deixando o rastro de trinta minutos de chuva. A água banhou os telhados, jorrou volumosamente para o chão. No meio-fio a correnteza se transformou num riacho que Saloca aproveitou (momento mágico de aventura), para fazer navegar barquinhas de papel. Perseguia piratas e afundava caravelas – a batalha naval durou tanto quanto corria a água no rumo do ralo.

Depois da chuva, como nos filmes, o céu se tornou azul de novo, cinemascope sem nuvens, o sol reapareceu mais forte que nunca. O chão, novamente iluminado, aos poucos foi secando e das pedras do calçamento tresandava, vindo em adelgaçados fiapos de vapor, o cheiro peculiar da vasa. Naquele momento renasceu em mim a inexplicável herança de relembrados tempos.

A maré virava e logo seria preamar. Saloca levantou o braço direito em gancho, movimentando-o com arte num vai-e-vem camerístico, imitando o balé dos chama-marés. Milhares de caranguejos responderam do manguezal, as patas vermelhas reluzindo ao sol, como se conclamassem os pescadores para a faina diária, anunciando que a maré alta já vinha. Os pescadores de fato iniciavam a corrida cotidiana rumo ao mar, de onde tentarão tirar o sustento.

"Antigamente (o Vô João é quem conta), era fácil chegar com o barco cheio de pescado, à regalona! Traziam tanto, tanto, que dava pra vender, pra comer e pra guardar um bocado salgado. Hoje em dia, não. Tem muito barco aí motorizado e com equipamento que cata os peixes mais nobres. Pescador de saveiro, além de arriscar a vida porque tem de ir pro alto mar naquela casquinha de mandubi, tem que se contentar mesmo é com bagre, raia, algum cação ou barracuda, a migalha que afinal sobrar..."

E VIVA A AMIZADE!

"Pode a palavra renomear tudo,
tudo voltar para a primeira vez?"
Nauro Machado

Atravessando a rua com a vista, mais duas pistas além, via-se o velho cais abandonado. À maneira antiga, tinha a rampa em declive que caía para o mar. A água verde reluzia de esmeraldas ao sol. Foi ali que encontrei Saloca, citado antes, o salvador da pátria, sentado na parte mais baixa balançando as pernas, chapinhando a água com os pés, com a ponta de linha atirada no mar, tentando pescar alguma coisa.

O choque entre o calor e a água do mar provocava refrações distorcendo a vista. Me sentia recuperado: o miraculoso refresco aplacou-me a sede, mas eu continuava perdido na Ilha. Mais além, do outro lado do canal, dava para ver as garças cobrindo de alvura o manguezal. De vez em quando revoavam. Enxugando o suor com o lenço atravessei as duas pistas até chegar ao cais lodoso. Baratas marinhas corriam a meus pés e Saloca logo que me viu gritou um alerta:

– Cuidado que aí escorrega!

Diminuí o ritmo das passadas. De fato, esses sapatos de sola de couro são tão desajeitados que não têm condição de enfrentar algo que não seja rua asfaltada e calçada de concreto. Chegando mais de perto é que se podia ver a cabeleira de limo, perigosamente lisa e verde, que a maresia deixa nas pedras seculares. Agradeci pelo aviso e aproveitei a deixa para puxar conversa...

– E aí, tá dando para pescar alguma coisa?

– Nada, que nada, já pescamos muito aqui eu mais o Vô João, mas hoje qual o quê, não dá nada... O velho, já no peso da idade, nem vem mais.

– Mas quando a maré enche deve dar muita tainha.

– Qual nada, perdi a esperança. O senhor é turista?

Fiquei sem saber o que dizer. Era turista ou não? Bom, de qualquer maneira, atualmente era turista sim. Turista na minha própria Ilha, na Ilha que hoje me acolhe entreabrindo as portas da desconfiança. Turista porque tinha sido sumariamente rejeitado pelas fontes, pelas ruelas, pelos prédios – só não pela gente. Nem pela Náiade que, na frieza do mármore, foi a única que me recebeu com um sorriso.

– Mais ou menos. Estou querendo ver uns pontos e não encontro.

– A ilha é pequena, a gente dá umas voltas, volta e meia e sai no mesmo ponto.

– Foi o que aconteceu. Andei dando umas voltinhas, mas acabo saindo no mesmo lugar. Nem este cais eu reconheço e daqui pra frente só resta entrar no mar. Acho que estou perdido.

Disse a frase propositadamente em tom de lamúria, de quem pede ajuda. O peixe mordeu a isca.

– Coitada da minha terra, miudinha assim como é, Ilha com começo e fim, ruazinhas estreitas e sebentas, vizinhança que se conhece, ninguém tem como se perder por aí.

– Agora mesmo nem sei onde estou.

– Este cais tem placa ali com nome de político, alguém que o tempo esqueceu, mas todo mundo chama de Rampa do Desterro, o nome original.

– Meu Vô João – que é memorião da Ilha – disse que aqui embarcava para a África a galé dos condenados. A África é muito longe e muitos não resistiam: morriam de fraqueza, doença, desidratação, tuberculose e eram enterrados no mar.

– Morria muita gente?

– Os que conseguiam vencer a travessia chegavam nas últimas, bem mal, morrendo pouco depois. Só os mais fortes sobreviviam, mas numa prisão chamada Ilha do Inferno, sob trabalho forçado, acabavam os seus dias de sofrimento.

Era mesmo o temível e fatal desterro. Pior até que a pena de morte. Muitos escravos para fugir da condenação fugiam para o interior mais longínquo e iam viver com índios ou nos arraiais e mocambos com os negros rebeldes.

Ser desterrado significava não ter família, não ter nem passado nem futuro e essa maldição na maioria dos casos atingia o negro. O branco só seria condenado ao desterro quando cometia algum crime grave contra a autoridade governamental ou contra as leis decretadas pela Coroa. Em último caso, por vingança pessoal.

Além da história conhecida, a Rampa do Desterro escondia os restos do pelourinho. A coluna de granito cercada de ganchos servia para manter os prisioneiros detidos até que o navio da morte atracasse. As ruínas estavam ali à vista de todos, mas ninguém sabia o significado nem Saloca, em sua adolescência, conseguia perceber.

Mas pela acuidade de seus olhos negros, curiosos ao extremo, pelo permanente questionar das coisas que desconhecia ou não compreendia, certamente ficaria indignado ao saber dos trágicos momentos do passado da Ilha, que não foram narrados em nenhum livro de História.

Somente as pedras seculares poderiam contar tudo, isso se as pedras falassem...

TRABALHO CONCEBIDO COM AMOR

"conservo na memória o cheiro bom
de pão, pamonha quente e manga em flor,
enxurrada, ladeira, praia rasa".
Odylo Costa, filho

De bermuda e camiseta regata, Saloca me trazia lembranças. A pele morena queimada pelo sol, o cabelo liso arrepiado sempre esvoaçando ao vento, os pés calçando chinelos, o olhar vivo e inquieto, os vincos na boca marcando o sorriso permanente.

Até mesmo os velhos pescadores que freqüentavam a Praia Grande traziam a recordação da casa pobre que existiu no Pontal de São José, onde as águas da maré alta embalavam o sono e vinham de madrugada beijar o quintal, as ruas, as calçadas. Era a casa de um pescador.

– Sabe moço, eu posso mostrar os lugares que quer ver. É perigoso jornadear por aí sozinho. Vai ver que os lugares que quer ver são os mesmos lugares onde passo todo dia. Sabe que pra chegar em casa tenho que atravessar a cidade toda ? Não se eu for direto, claro, mas gosto de passar primeiro pelo Canal do Boqueirão, depois vou na Praia Grande, se der vou até a Ponta D'Areia... Mesmo porque hoje aqui não vai dar nada mesmo!

E com essa oferta generosa, enquanto eu refazia na memória aquele estranho itinerário, o menino começou a recolher a linha enrolando numa lata. A maré continuava batendo nas pedras velhas em contínuo vai-e-vem. Garrafas de plástico e papéis velhos se misturavam às graxas e porções oleosas desconhecidas. O menino continuava naquele ritual: ao mesmo tempo que puxava a linha apertava as pontas dos dedos para escorrer a água e tirar a sujeira. Na ponta do anzol nem isca tinha!

Seguindo as indicações de onde estava para onde morava, pareceu-me que ele andava em ziguezague. Se me lembro bem, quando saía da pesca, ao invés de ir para casa - itinerário que poderia ser feito em 20 minutos - Saloca pegava o bonde em sentido contrário. E, abusando da condição de gratuidade infantil, percorria os mercados velhos, os portos onde chegavam barcos do interior, as feiras que vendiam tudo e por fim se deliciava ouvindo os cantadores narrar os folhetos de cordel no mercado da Praia Grande.

– Vou aceitar a sua sugestão. Preciso mesmo de guia. Antes, porém, vamos sentar ali - como se chama aquele restaurante? – Isso mesmo, no Bar do Basilio. Vamos sentar, beber e comer alguma coisa. Você é convidado, afinal a pescaria não deu nada mesmo, né? Já conhece o garçom? Quero que escolha alguma comida daqui mesmo pra mim. Pescada frita com arroz de cuxá? Está bom, você pede para mim e pode pedir o que quiser para você. Tudo, até mesmo coca-cola.

Precisavam ver o orgulho de Saloca entronado na cadeira de vime. O garçom certamente o conhecia e ficou admirado com a intimidade com que falávamos e da sua presença na mesa. Nem por isso deixou de nos atender com toda presteza. Diante da toalha que imitava a alvura do linho, com bordas rendadas, Saloca leu (ou fingiu ler) cuidado-

samente o cardápio. Estava predisposto a saborear a pescada frita que Saloca sugeriu, com arroz de cuxá, mas não resisti à entrada de casquinha de siri, devidamente condimentada com molho de pimenta-de-cheiro.

Ah, as comidas da Ilha! Somente aquele sabor típico acenderia de novo em mim todas as velas das lembranças. Antes do prato principal ser servido, o garçom ainda ousou trazer para mim - delícia das delícias - uma tigelinha de juçara com meia dúzia de camarão seco boiando na imensidão daquela mini lagoa, que sujava meus lábios de roxo a cada colherada.

Meus olhos deviam estar brilhando demais, encharcados de emoção, porque Saloca - que comeu a casquinha de siri, mas recusou a juçara - se mostrou espantado com minha avidez, com a gana com que avançara para comer a guloseima para ele tão comum, como juçara com camarão seco.

Por fim, naquela mesa de aspecto simples (Saloca sentia-se tão bem que imaginei que deviam ser assim as mesas nas casas tradicionais da Ilha), foram servidos os pratos principais: duas pescadinhas de barriga amarela fritas, travessas fumegantes de arroz branco e outra com o cuxá, a cuia com farinha d'água torrada com coco, o vidrinho com molho de pimenta-de-cheiro.

Resistir quem pode ?

A pedido de Saloca veio também a terrina de feijão-do-rio com charque. O garçom me disse que o feijão-do-rio com charque é prato de sustança nas mesas da Ilha... Só ele comeu: não ousei conspurcar aquela mesa para mim clássica com tão popular iguaria.

No entanto, não resisti à tentação e cometi o pecado de verter goela adentro, para abrir o apetite, uma tiquira azulada com casca de tangerina que me foi gentilmente ofertada pelo próprio Basilio, não sem antes formalmente desprezar a teoria de que a preciosa aguardente não se dá bem com a juçara...

O SEGREDO DO CUXÁ

"Todas as coisas de que falo
estão na cidade entre o céu e a terra."
Ferreira Gullar

Sinceramente, minha maior frustração é saber que me vou desta boa terra sem descobrir o segredo do cuxá. E não é para menos: a sua origem é tanto mais remota quanto sagrada. Para começar, dizem em tom de lenda que uma Rainha Mina, forte, bonita e de boa feição, líder espiritual de seu povo, foi seqüestrada na África e vendida como escrava na Ilha. Era realmente a Rainha e jamais perdeu a realeza. A preta tinha a dignidade tão respeitosa e natural que jamais se transformou numa escrava, na acepção da palavra. Ademais, todos os escravos da região sabedores da sua existência vinham ao seu encontro para receber a bênção, pedir conselhos, ouvir a palavra sentenciosa e serena ou mesmo trazer os filhos para receber dela o nome de batismo.

Além da liderança espiritual, trouxe com ela a receita original do cuxá. O fazendeiro que a comprou, na primeira vez que provou a iguaria, por ela se apaixonou e com aquele prato e delicioso afrodisíaco costumava matar de inveja os vizinhos que convidava para o almoço. A receita foi preservada no decorrer dos séculos e assim chegou até nós. Jamais ousarei invadir com minha pobre sabedoria, de espaços terrestres limitados, o terreno misterioso que envolve o sabor único e álacre da vinagreira, base alquímica da culinária para transformar chumbo em ouro.

Bendita aquela que sabe remoçar o segredo que movimenta as harmoniosas mãos, benditas as cozinheiras que combinam – com o mesmíssimo talento com que Mozart compõe – as ervas e o tempero para chegar ao resultado final que tanto liberta o paladar. Benditas as mãos da Rainha Mina que trouxe das colinas do interior africano a gloriosa receita, transmitida de avós para netas em tempos imemoriais. Diz a lenda que de ventre em ventre, a mulher dará um dia outra bela criatura com vagina e será a geração seguinte que vai legar os mesmíssimos segredos para manter viva a cultura de adoração do cuxá.

Se é verdade que Deus dá a comida e o Diabo o tempero (e é verdade!), benza a Deus o dia em que o Capiroto, sorrateiro e tinhoso como só ele sabe ser, se instalou na cozinha para mexer as mãos da preta que pela primeira vez fez essa mistura milagrosa. Bendita a cabeça da escrava ou rainha que um dia na África ousou combinar farinha seca peneirada, gergelim torrado e camarão seco, tudo bem socadinho no pilão para, finalmente, acrescentar a essa pasta homogênea, as folhas azedinhas da vinagreira e do jongome, cosidas, batidas, esmagadas e temperadas.

Não, jamais descobrirei o segredo do creme verde musgo, servido bem quentinho com arroz branco, companhia de tantos pratos saborosos, capaz de conquistar para sempre o paladar da mais néscia criatura, que nasceu há séculos nas cozinhas minas e desaparece diariamente nas mesas da Ilha, depois das últimas garfadas dadas com a avidez das escravas famintas. Saloca dizque sabe (tanto que é dele os detalhes do bobó acima, vindos da avó) e dizque toda família tem que ter filha fêmea para aprender a receita e passá-la para sua filha e assim por diante.

– Vendo o peixe do jeito que comprei por isso, se algum experto em culinária ilhense vier me cobrar a veracidade do fato, tiro o corpo fora e jogo a culpa nele!

De bobó mesmo (e dizque que tudo da mesa africana que resulta em pasta se chama bobó), só entendo daquele que as baianas vendem nas barracas, feito com feijão mulatinho, azeite de dendê, camarão-seco, secretos condimentos e muita pimenta malagueta, menos por saber teórico e mais por apregoarem pelos quatro cantos do mundo as suas virtudes afrodisíacas. Ou então aquele de frutos do mar, principalmente cação, arraia-viola ou camarão, feito com massa de macaxeira peneirada, amendoim, muito azente-de-dendê e outras iguarias misteriosas, que também fazem parte da confraria de segredos vindos da mãe-África, cujo fogo erótico é por todos conhecido.

Estávamos ainda ruminando o sabor das últimas garfadas, antes mesmo da mesa ser tirada - e Saloca já estava programando para o dia seguinte outro banquete:

“Conheço um lugar (invariavelmente começava a falar assim), que tem carne-de-sol com arroz-de-pequi, daqui ó! Dá um puxãozinho na ponta da orelha, gesto incomum para quem não é da Ilha e determina: "É lá que nós vamos almoçar amanhã." Após essa breve dissertação sobre o pecado da gula, que a todos nós leva forçosamente a uma estada no Purgatório, encerramos a sessão de comilança com o belo sorvete de murici que repousou gostosamente bem no estômago, amenizando a temperatura elevada que aquelas horas acomete toda a Ilha, prenunciando, segundo Saloca, a segunda chuvarada naqueles dias de inverno (?)...

O PESCADOR DE LOROTAS

"Para pintar tudo, é indispensável tudo sentir."
Afonso de Lamartine

Enquanto passeávamos pelos largos muros de pedra da Avenida Beira Mar, cruzamos com algum conhecido do meu acompanhante que, de passagem, lançou o grito que deveria ser insulto grave:

– Qualira!

E fez a forma do ó com o polegar e o indicador virados para baixo, numa forma oposta ao famoso OK norte-americano. Sem sequer considerar minha presença, o xingamento foi prontamente respondido com o gesto manual, no qual o dedo médio sobressaía entre o indicador e o anelar dobrados.

Por fim os dois se aproximaram, trocaram algumas palavras e dando gostosas gargalhadas se despediram. Para admiração de Saloca, não me importei e ri gostosamente diante daquele gesto internacional. Também não me admirou aquele contraste de gestos: o xingamento aparentemente violento, seguido de efusivas demonstrações de apreço. Quando existe amizade não existe ofensa.

– Pensei que o senhor não conhecia.

– Todo mundo conhece. É um gesto universal.

– Aquele é Palito, meu amigo e freguês. Ganho dele tudo: bolinhas de gude, papagaio e no mergulho vou muito mais longe que ele.

– É mesmo? Então me conta essa estória do mergulho.

– Todos os dias quando eu e o Palito saímos da escola passamos no Boqueirão. É naquele ponto onde o rio deságua e se junta com o mar.

– A gente chama também de foz ou embocadura, falei mostrando sapiência...

– É lugar perigoso, muita gente já morreu lá. Tem muita correnteza e redemoinho, principalmente dia de lua cheia. Se ouve de longe o rumor das pequenas pororocas. É quando a maré chega e, num desembesto, esparrama tudo que encontra pela frente.

– Mas se é perigoso, pra que arriscar a vida ?

– Tudo começou com a brincadeira, com o tempo acabou virando desafio. Eu e Palito vamos até o Boqueirão onde está o esqueleto do navio que foi atingido por submarinos alemães.

Atravessamos as duas pistas que nos separavam do mar e ficamos olhando a maré que já vinha crescendo, ocupando os espaços, invadindo o manguezal e trazendo consigo o bocado de vida orgânica e marinha.

– Conseguiu chegar à Ilha mas adernou antes de atracar. Deu pra salvar a marujada, alguns morreram, e até hoje tá lá o mastro principal partido, a cruzinha encima, último sinal dele.

– Realmente, o navio afundado é perigoso porque o mergulhador pode se perder nos corredores e nunca mais achar a saída.

– Vô João sempre me alertou que só precisa ter cuidado com os porões. Dizque lá é casa de cação, moréia e outros peixes brabos, mas, por outro lado, é lugar de salvação: nos porões sempre tem bolhas de ar que salvam a gente. Eu e Palito conhecemos aquilo como a palma da mão. Sabemos até onde ir, quando a maré tá perigosa, como evitar as correntes.

– Cação, por ali, num canal? É muito difícil. Tá pensando que sou besta? Pode ter boto, bagre...

– Mas é verdade. Na maré cheia, só quando tem boto é que eles não aparecem. Quando a gente chega lá, o que nos deixa mais contentes é ver a beleza dos botos quando, entre um mergulho e outro, a barbatana do costado aparece reluzente na superfície da água. Enquanto estamos ali eles ficam brincando em volta de nós. Eles já sabem que a gente tá ali e nos cercam com os malabarismos, nos protegendo.

– O golfinho realmente enfrenta até tubarões, atacando-os violentamente com o poderoso focinho que tem. Dá pancadas como boxeador do tipo Muhammad Ali ou Mike Tyson.

– O Vô João pede que a gente sempre fique perto dos botos, porque é o peixe mais inteligente de todos. E se a gente estiver em dificuldade, se afogando, ele usa o nariz para rolar nosso corpo sobre a água até salvar o afogado, atirando a gente para a praia.

– Então não deveria ter cação ali.

– Mas tem. Só que o bicho se acovarda para o boto, mas não pra gente. O Vô João conta que o Mané Perneta, mergulhador famoso na região, deu um mergulho ali no lugar mais fundo e foi atacado. Saiu com vida mas perdeu a perna direita, que foi engolida de uma vez só pela bocarra do bichão.

– Não fosse ele sabido e – diz o Vô João – a próxima abocanhada comeria ele até o pé do umbigo.

– Tá certo, o peixe está só protegendo o que é seu, defendo a sua morada, seu território, não é?

Outra coisa que o Vô João pede pra ter cuidado é com a ferrugem. Por isso, nada de comer o sururu que dá ali e se um dia a gente se ferir nos ferros enferrujados, abre a

pereba que só fecha quando cu de cotia assobiar. Então, quando a gente chega faz logo uma bulha danada pra espantar o bicho. Aí ele não aparece, respeita a gente e começa o torneio.

– É verdade: se cortar na ferrugem e não tomar cuidado a ferida infecciona. Daí só milagre do bom Deus pode salvar... E o tal torneio, como é?

– É de mergulho. A gente escolhe um dos pontos do velho navio. Ainda existem alguns inexplorados, que são os mais difíceis. Nesses a gente só mergulha quando as águas do mar estão transparentes.

– Aí então vê quem consegue mergulhar mais fundo, ficar lá embaixo mais tempo e trazer as peças mais bonitas ou mais valorosas do navio.

– Taí, quero ver quanto está o placar...

– No mergulho Palito nunca me ganhou. Já fiquei lá embaixo mais ou menos cinco minutos! Enquanto que ele só agüenta no máximo três, quatro minutos. Mas a gente só sai de dentro d'água quando os beiços começam a ficar roxos e as mãos enrugadas de tanto frio.

– Puxa, realmente é impressionante. Mas é verdade que nesses navios afundados fica sempre no porão, num lugar qualquer, uma reserva de oxigênio, que dá pra ficar algum tempo lá dentro sem morrer...

– Isso não sei, mas essa parte do campeonato a gente chama de "pesca de troféus". Valendo tudo, tudo que pegar, coisas pequenas e grandes. Somando tudo que podia ser somado, sem mentira, já trouxemos mais de 200 peças do velho navio! Só eu tirei 120 e o Palito o resto.

– E quais são esses objetos, muita coisa bonita ?

– Minha maior vitória foi quando trouxe a placa da porta do Comandante. Depois que limpamos ficou bonita, toda dourada. A maior derrota foi quando Palito chegou com uma caveira cheia de dentes. Eu vi lá, mas não tive coragem de pegar não...

– E que diabo fizeram com tanta tralha ?

– A miudeza a gente devolve pro fundo. Parafuso, dobradiça, chave, essas coisas. O Palito trouxe a bala de canhão. Vô João disse que podia ser perigoso e que, mesmo afundada durante anos, a bala de canhão ainda podia explodir. Jogamos fora.

– E ouro, dinheiro, prata, jóias – nada disso apareceu ?

– Pérolas e diamantes? Não. Temos nossos segredos. Vou pedir sua palavra de honra que o papo morreu aqui mesmo.

– Tem minha palavra. Minha boca é um túmulo: boca de siri. Daqui não sai nada.

– O maior dos segredos é que o Palito quase se afogou lá. Fui eu que reparei na demora dele voltar e mergulhei pra buscar. Só deu pra tirar ele e fazer vomitar toda a água que tinha engolido. O coitado já tava ficando roxo, sem respirar.

– Mas o que aconteceu? Ele ficou preso?

– Ficou. Mas o qualira, mesmo com tudo isso, ainda foi o vencedor do dia. Lá estava, apertado entre dedos roxos, o troféu que ele conseguiu: o retrato de Hitler numa moldura impermeável de vidro.

– Puta que pariu! – Não pude conter a expressão...

– Esse assunto não se pode contar pra ninguém. Temos a palavra de honra empenhada. Mas se quiser posso ir lá nesse instante, agorinha mesmo, dar o mergulho só pra provar que não é mentira.

– Não precisa! De maneira nenhuma! Juro de dedos cruzados - juro que acredito em tudo, tudinho mesmo...

PLENITUDE HUMANA

"Minha alma está de olhos baixos. (...)
E por essa circunstância tornei-me uma torre."
João Mohana

Rua Afonso Pena 119.

Inexplicável.

Força do Destino.

Todas as janelas estão fechadas.

A porta, encimada por uma bandeira em forma de lírios, não mais range ao sabor dos ventos.

Um silêncio grande, enorme como a noite, insaciável como o buraco negro, hoje me seguiu para conhecer o nada que agora habita o velho casarão vazio em que morava o médico, padre e escritor João Mohana.

Algumas vezes, saindo de casa de manhã cedo, um rapaz, a caminho do trabalho na Casa Inglesa, tinha a suprema ventura de andar lado a lado com essa figura histórica da Ilha e em segredo lia suas obras e em silêncio o admirava como escritor.

Conhecia de ver de longe, sem ter a intimidade nem o amigamento, mas sabia que o povo o tratava como herói, sem se importar se ele vinha de progênie tradicional. Herói que, mostrando-se aluno esplendente, teve a coragem de abandonar a carreira de médico de criança, pediatra que se prenunciava brilhante, para abraçar o sacerdócio e, com ele, o celibato.

Lá ia ele com os cabelos castanhos claros levemente caídos em desalinho pela testa, os óculos de aro de tartaruga e lentes grossas, quase fundo de garrafa. O andar macio, como se flutuasse. Semblante sereno, como se uma aura lhe coroasse a cabeça permanentemente.

Como médico, todo mundo sabia, atendia os pobres sem cobrar nada. Quando calhava vivia de receber pagamento na moeda do sertão: pé de alface, galinha, vinho de caju, carne de sol, bacorinho, cofo de farinha d'água.

Verdade ou folclore não importa: morre o homem, fica a fama.

Fui arrastado para ali por pés que não eram os meus. Olhava tudo com olhos que não eram meus. Com palavras que não eram minhas, eu repetia sem cessar: Rua Afonso Pena 119, Rua Afonso Pena 119... Saloca, sem entender nada, como o cachorro azul, seguia no encalço. Trovejou e choveu. Subimos no casarão em frente para nos proteger. Fiquei menino e menino não tem medo da chuva. Fui para o mirante e lá fiquei estático.

A ventania entrava pela janela num turbilhão. A chuva vinha de banda e molhava por todos os lados. Me lembrei das palavras que contavam a história de "Maria da Tempestade". Lá longe, o mar cinzento, quase escuro como a cortina de água caindo sobre a terra, alagando tudo, tudo dominando. Nem mesmo uma nervura de luz. Os raios cortavam o céu em repentinas fulguração, metiam medo em meu coração e desapareciam.

Deus põe as crianças no mundo com a liberdade tão grande que Ele próprio, Ele que é o dono dela, tem receio de tomar. Liberdade de olhar, liberdade de ouvir, liberdade de falar, liberdade de ir e vir. Depois o menino cresce e perde tudo que ganhou de Deus.

Mas é com esse olhar livre de pirralho que a gente reconhece o santo de longe. E apesar de jamais ter acordado uma só vez com sorriso no rosto, nem uma só, nem mesmo quando Papai Noel deixava os presentes no Natal, apesar disso eu sorria quando via o padre passar lá do outro lado da calçada.

Sorria ao reconhecer o herói das consultas grátis, que, ainda por cima, dava o dinheiro para o paciente comprar o remédio que ele mesmo receitava. Sorria ao ver o herói polêmico que tinha a coragem de escrever sobre o sexo no casamento sem nunca ter casado – e ainda ser respeitado por isso!

O quase herói sempre habitou a Ilha. E quando dela se afastou foi só para sentir saudade e voltar de novo. Agora imagino o beato padre escritor habitando o seu gabinete na Rua Afonso Pena 119, cercado de livros, em santificado silêncio, a trabalhar em mais uma obra destinada a nos mostrar a luz para clarear os caminhos mais obscuros da vida.

Era ministro de Deus e ministro dos homens.

Nas missas, repetia as águas dos rios: rezava cada missa sempre diferente das outras. Com essa tática enchia as igrejas como os estádios de futebol. Nos sermões, habitados de palavras e exemplos de grande humanidade, era sempre ouvido atentamente. Volta e meia, em defesa dos pobres, feria pudores da sociedade e provocava polêmicas.

Como era próximo de Deus, era iluminado por Ele. Como ministro dos homens escreveu tantas coisas importantes que seus trabalhos atravessaram fronteiras e foram parar traduzidos na Europa, América Latina e USA, para ser para os estrangeiros o mesmo Farol de São Marcos que é para os privilegiados da Ilha.

Assim chegou agosto, mês de desgosto.
Mês de desgraças e infelicidades.

Não se lava a cabeça em agosto porque chama a morte.
Desgraça de velho é três "c": catarro, caganeira e câncer.

A primeira segunda-feira de agosto é o dia aziago o ano inteiro.
Em agosto desgraça pouca é bobagem.

As guerras começam em agosto, porque desgraça só quer desculpa pra principiar.
A casa do santo letrado ficou de luto em agosto.

NO RIO TURU, ENTRE O JUÇARAL

... tudo enfim nesta noite que não termina nunca,
enseada escura onde a memória é âncora e luz..."
Carlos Heitor Cony

As colinas da Ilha apontavam lá longe, no fundo da paisagem. Algumas estavam cobertas de casas luxuosas. Aonde a mata silvestre começava, hoje existe muita rua nova, muita casa popular, bairros novos, supermercados. Os riachos que transbordavam durante o inverno foram aterrados e sobre eles construíram modernas pontes e largas avenidas asfaltadas. Quantidade igual de novas estradas nasce na faixa litorânea e vai acompanhando a praia até se perder de vista.

Os muitos prédios de apartamentos, de arquitetura moderna duvidosa, enfeiam a orla marítima, numa imitação de Miami Beach, Copacabana, Cancun, Guarujá... Saloca concorda: "É agora está tudo moderno. Mas não era assim. Se quisesse sentar frente a frente com o Vô João e tivesse tempo de ouvir as estórias que ele conta."

O velho estava no alpendre, sentado numa cadeira de pano, balançando pra lá e pra cá. Escutou a dobradiça enferrujada do portão ranger como o alarma: "Quem vem lá ?" O cachorro latiu nos fundos.

Saloca logo se anunciou gritando: "Sou eu Vô João!" Depois em voz mais baixa para mim: "O Vô João enxerga muito pouco. Catarata. Tá quase cego." De novo em voz alta: "Trago um amigo!" E como tinha de falar bem alto deduzi: além de quase cego, quase surdo. O velho resmungou hum-hum: "Se achegue, a casa é pobre mas é sua" - e se dirigindo a Saloca: "Pega a bilha, moleque, e traz água fresca pra visita."

A água na verdade era para ele: "Calor danado, não acha?" Deu dois goles grandes na caneca de alumínio. "São esses tempos. Estão mexendo muito na velha terra. Ela não vai agüentar. Até no fim dos séculos tudo se acabará. Tá nas profecias."

Chamou Saloca aos gritos: "Moleque, vê se tem café preto pra oferecer!" Vinha lá de dentro bulha de gente mexendo em panelas, acendendo fogo. O cachorro cheirava minhas pernas fazendo reconhecimento, gravando minhas características. Agora, jamais me esqueceria.

O Vô João tinha o semblante tranqüilo, apesar da idade e da aparente agitação que a surdez e quase cegueira traziam. A pele bem morena, quase preta, estava inundada por uma vastidão de rugas, que se iam encolhendo, amiudando, quando chegavam perto dos olhos, mais parecia o mapa traçando rios e afluentes.

Não perdera de todo os cabelos. Entelhando a cabeça, contrastando com a pele roxa, os cabelos guardavam a alvura do algodão. Tinha o olhar miudinho e fixo. Mirar de gente que foi habituada a pegar muita luz, muito sol no rosto e ficar com o olho vidrado, duro, no infinito. Tudo isso e mais as mãos calejadas, denunciavam a antiga profissão: pescador.

Os olhos se abrem um poucachinho mais, pulsando lembranças: "Sim sinhô, pescadô. Pescadô a vida toda, de menino até a vista não garantir mais. Pescadô e marinheiro. Todo mundo da vida do mar me conhece como bom marinheiro. Sei levar o barco onde o cardume deve estar e passar a noite toda pescando até encher o porão. E nunca me perdi!"

Uma pontinha de orgulho engrossa a fala macia: "Ainda hoje tem prático que vem me visitar pra saber as derrotas pesqueiras, mode num se perder nesse mar de deus. Depois que vem, anota tudo direitinho, traz caderno, mapa desenhado, bússola. Aprende e some, nunca mais a gente se vê. Mas sei que todos eles criam fama divulgando o que aprenderam comigo."

Como bicho que vive procurando sentir o cheiro do mar à distância, o velho bota o ressentimento pra fora: "O marzão, esse sim que me conhece – e bem! Brigamos muito. A verdade é que o mar nunca me deu de-comer um prato de pirão, que não fosse arrancado com muito suor e sangue. Levou todos os anos da minha vida, nunca foi meu amigo."

Agora a estória ganha a cor da raiva: "Enfrentei, sim, muita tempestade. Já vi esse barquinho de pouco mais de trinta metros de proa a popa parecer a casca de midubim boiando no mar. Na tempestade, quando a onda empina o bico da proa, só falta a gente esbarrar no teto do céu. Depois a criatura faz um vão assim de uns quinze metros e a gente fica lá no fundo - que se o inferno tem fundo é mesminho naquele lugar - rezando pras ondas laterais não fecharem em riba de nós."

Respira fundo e aproveita a chance que lhe dá o ouvinte atento: "Aí tem de saber a hora certa de arriar os velames, botar a proa direito no rumo do vento e manter o leme frouxo. O barco fica paradinho, paradinho, fingindo covardia, ao sabor das ondas. Todo bom marinheiro sabe que não deve brigar com o mar revolto. A onda bate, bate, vai abrindo brechas na calafetação, daqui a pouco tá fazendo água. Quem vê assim não acredita que foi a água que quebrou o barco, mas foi."

Não me movo, fico literalmente grudado na narração: "Por outro lado tem a calmaria. Só porque o mar fica paradão, quieto e silencioso como a morte, não é menos fácil de encarar do que a tempestade. Na calmaria muita gente já naufragou. O mar te leva para onde não quer ir e depois a gente sente a viraçãozinha, a água começa a pinicar na superfície, o barco treme uma vibração e agora é hora de achar o rumo de novo ou ficar perdido pra sempre. É desconcertante."

A vista do velho se fecha novamente, ensombrecida por uma raiva visível e inexplicável. Alguém pode ter ódio do mar? "Esbarrei em tantas dificuldades que, não fosse eu filho de Deus, havera de ter desistido da profissão. Por isso eu e o mar somos inimigos de sangue a fogo, jurados de pés juntos. Ganhamos e perdemos do outro por mais de cinqüenta anos. Hoje estou aqui vivinho e ele tá lá, caçando povo pra engolir."

Tira do bolso o naco de fumo-de-rolo, oferece, agradeço. Fica amassando a bola entre os dedos calosos e depois atira na boca: "Estou aqui, vivo, e ele tá lá, não sei como. Deve ainda estar devorando homens e barcos, com aquela fome esconjurada." O Vô João pausava a fala com mastigações e cuspidelas pretas da masca de fumo: "Saí vivo. Sobre-

vivi. E agora não darei o gosto de receber minha alma. Se a polícia não pegar meu difunto corpo, pedi pro moleque me enterrar mais acolá, entre o juçaral."

Saloca chega trazendo numa bandeja improvisada dois copos com café bem preto e fumegante. Aceito. Tem gosto de café bem torrado, quase queimado, mas cai bem. Passo a mão no focinho do cachorro. Ele diz que gosta lambendo meus dedos.

Servido o café, que o Vô João elogia dizendo que saiu a seu gosto, Saloca pisca pra mim, cantando vitória: "Vô João, trouxe o moço aqui pra ele conhecer a nascente do rio. Depois que contei pra ele como é não me deu sossego mais. É gente de fé, não vai espalhar por aí onde está o seu paraíso." O Vô João resmunga meditativo, enquanto saboreia, em goles pequeninos, o café preto: "Hum-hum. É mesmo, esse menino. A nascente do rio. Sabe, aquele é o único lugar onde a gente ainda pode beber água nas mãos. Nenhuma sujeira. E água da boa, que cura maleita. O resto dos rios tá tudo sujo. Diz-que é a tal de poluição."

O velho acaba de bebericar o café com prazer, dá um estalo na língua: "Da Encruzilhada pra cá fizeram a tal de rodovia asfaltada, comprida, cheia de tanta volta que não se sabe onde começa e onde termina. Diz-que vai acabar lá pelas bandas do sul."

Seu João respira fundo, recosta-se na cadeira de balanço, pra lá, pra cá, pra lá, pra cá: "Moleque, leva os copos!" Passa a mão na cabeça do cachorro, que responde ao agrado abanando o rabo: "No começo era a poeirada danada, máquinas jogando barro nos riachos, aterrando tudo! E lá se foi nossa diversão, nosso banho." O Vô sacode a cabeça desalmadamente, a tristeza escornada: "Acabou a poeirada, fomos ver, não tinha mais rio nem nada. Fizeram a ponte sobre o riacho seco e aterrado, agora que é toda hora carro, ônibus, caminhão passando, uma barulheira danada."

Ele bota de novo na boca a masca de fumo, que tinha tirado pra tomar o café: "Volta e meia o estribilho, umas pancadas e gente assim, estirada no asfalto, estertorando toda esbagaçada. Vem a ambulância, mas não salva. No outro dia dá no jornal quantos difuntos." Olha para trás, pros fundos da casa, como se visse alguma coisa, mas não vê nada: "Moleque, que qui tá esperando? Vai logo mostrar a nascente do rio pro moço, xente! Daqui a pouco escurece..."

Saloca veio lá de dentro correndo, todo contente, trazendo a mochila, duas canecas e o facão embainhado nas mãos: "É pra cortar alguns cipós." Pensei nos sapatos novos, de cidade com pena. Minhas pernas resmungaram: Já tinham caminhado além da conta. Meus pés também reclamaram: "É longe?" perguntei, na esperança de cancelar o passeio. O Vô João ouviu: "Qui nada! Moleque, leva ele pelo atalho! Dez minutos chega lá. E me traz essa moringa cheia d'água!" Com essa recomendação e com a bilha pendurada numa sacola, partimos.

Saímos da casa pelo quintal e emburacamos imediatamente numa trilha de um só pé. Saloca ia na frente e eu seguindo-lhe os passos. Volta e meia o facão voava, tinindo na pancada, para cortar cipó do caminho, galho de tiririca, que acaso pudesse nos machucar. A mata se tornou verde-escuro, uliginosa e a atmosfera bastante úmida. Logo compreendi que dez minutos ali não era menos de meia hora. Porque depois de caminhar dez minutos realmente alcançamos o riacho, mas não a nascente.

Fomos acompanhando o regato e a trilha se tornou mais aberta de mata, mas continuava estreita nos pés, o que nos obrigava a andar em fila indiana. Uma orquestra de passarinhos, sapos e grilos nos acompanhava com ritmo. O burburinho do regato descendo pelas pedras também era música, que nos empurrava para frente e diminuía o cansaço e dava coragem para prosseguir sem esmorecer.

Era realmente um pedaço de mata virgem e Saloca confirmou minhas suspeitas de que há muito tempo ninguém passava ali: "Ninguém conhece essa trilha, nem onde leva. Quem se arriscou entrar aqui para caçar, acabou se perdendo. E teve gente que sumiu, nunca mais voltou."

Mais vinte minutos se passaram e foi o tempo que demoramos para chegar. Só que, para surpresa, a nascente não era dessas tradicionais, que se conhece dos livros de geografia e que começam com o fio d'água, ia aumentando, aumentando, até se transformar num rio. A nascente do rio era na verdade um enorme poço, lagoinha com mais ou menos de cinqüenta metros de circunferência irregular. A mata fechara-se copada sobre a lagoa, transformando o lugar num santuário escondido do mundo. O Rio Turu nascia entre as árvores e juçarais tantos, que as raízes se entrecruzavam por baixo.

Saloca não esperou, tirou a camisa e caiu na água. E deve ter sido maravilhoso, pois estávamos cansados da caminhada e encharcados de suor. Olhou para mim como que esperando que eu mergulhasse também. Não decepcionei. Tirei a roupa e mergulhei de cuecas mesmo. A nascente tinha águas escuras, mas cristalinas. Seguindo o itinerário que Saloca me passava, mergulhei e nadei evitando raízes e troncos. Saloca trepava nas árvores, improvisadas de trampolim, para saltar de três metros de altura e sair geralmente num lugar que só ele conhecia.

O local que mergulhamos mais parecia uma piscina encravada entre os troncos. Ali tínhamos à disposição majestosos dois ou três metros para o banho farto e mergulhos saborosos. A água estava fria, mas suportável, principalmente pelo calor e pelo cansaço que passamos lá fora. À profundidade de dois ou três metros, podia-se ver claramente todo o fundo. Mais uma vez Saloca me guiou e pude entrever, extasiado, a água surgindo do fundo em grandes borbulhas, formando pequenas nuvens de poeira na areia branca.

Era realmente a nascente. Uma portentosa, veracíssima, maravilhosa nascente. Como nunca tinha visto na vida! Paisagem de cinema, melhor, de cinemascope. Os raios de sol que conseguiam atravessar a mataria rebolavam entre as folhagens transformando-se em miríades de pérolas brancas.

Depois de alguns mergulhos, sentei num tronco à beira do lago para descansar. Saloca não parou, com sua juventude incansável e insaciável, enchia o ambiente com enormes gargalhadas. E, parecendo que nunca mais ia querer sair daquelas águas, mergulhava e sumia, mergulhava e reaparecia, geralmente em lugares inesperados.

A tarde caía. A luz do sol entravam pelas árvores em diagonal inundando tudo com raios sacros. Quando começou a escurecer - e debaixo das pesadas copas das árvores escurecia mais rapidamente - Saloca finalmente resolveu sair de dentro d'água, o corpo todo tremendo de frio, os lábios já ficando duros de roxos. Lembrei Saloca de levar a á-

gua pro velho e ele foi procurar o recanto além de onde estávamos mergulhando. Ali bebemos água até matar a nossa sede e enchemos não só a bilha do Vô João, mas outra que ele mesmo tomou a iniciativa de trazer.

Arrumamos a tralha toda, exaustos, ainda todo molhados, a água dos cabelos escorrendo sobre a camisa, abandonamos aquele santuário em religioso silêncio e iniciamos a caminhada de retorno. Quem se importava com a chuva que encharcava nossos corpos?

ÓLEO SALADA F.C.

1 - O Estádio do Covão

"O destino do homem não está no futuro e sim no passado."
Havelock-Ellis

A turma batia bola em qualquer cantinho que achasse - na frente da igreja, no terreno baldio da Rua 12 ou em qualquer esquina. Com o tempo, porém, foram chegando muitas mudanças e novos vizinhos aumentaram em muito a população do novíssimo bairro do Filipinho. Daqui a pouco, de tanto craque que tinha querendo bater bola, não dava mais para dividir. Tirando o dono da bola mais nova, que tinha sua vaga garantida, sempre sobrava mais gente do que tempo para jogar, mesmo que o jogo fosse com tempo marcado.

Com o passar do tempo viu-se que era impressionante o modo como discriminavam, não só os donos das velhas bolas carcomidas pela piçarra, pelos paralelepípedos das ruas, pelo concreto das calçadas – surradas, afinal, pelo muito serviço prestado aos peladeiros – desprezando-o sempre que alguém chegava com a bola nova. Havia também a hierarquia de discriminação, mais ou menos assim:

a) quanto à bola:
* a bola de couro tinha preferência sobre a bola de borracha
* a bola oficial tinha supremacia sobre as bolas de tamanho não oficial
* a bola não remendada ou menos remendada, valia mais que as remendadas
* a bola redonda era preferida às bolas que o tempo tinha tornado ovais
* as bolas sem câmara ganharam a preferência sobre as com câmara

b) quanto ao jogador:
* o dono da bola sempre escolhia o time
* o craque tinha primazia sobre o perna-de-pau
* o mais forte tinha supremacia sobre o mais fraco (inclusive fora de campo)
* o mais rico mandava no mais pobre (exceto se fosse conhecido craque)
* o culpado pela derrota era sumariamente execrado pelos demais

Descobriu-se que descendo o Covão e chegando lá embaixo, antes do juçaral e do olho d'água, dava a descaída meio plana. Então os cabeças da turma começaram a plantar idéias. Primeiro armaram todos com enxadas, foices, facões e começaram a desmatar e destocar aquele pedacinho plano. A vontade era muita, mas o trabalho era maior. E, afinal, o terreno não era tão plano assim como se pensava. Depois de pronto só dava para fazer a área e brincar de linha de passe.

Uma idéia puxa outra. Passasse a máquina ali e se conseguiria o campinho quase do tamanho oficial. Quase. Era só aproveitar que as eleições estavam se aproximando e conseguir arrancar o favor de algum candidato.

O primeiro que apareceu no palanque, fazendo discurso e lançando o slogan "Dê sua ripada na onça", foi escolhido para Cristo. O grupo mais influente do bairro, aprovei-

tando-se do ritual da despedida do comício, chamou o candidato num canto e entre a cachacinha e o prato de mocotó arrancou-se a promessa. Aliás, promessa não: dívida.

Um par de semana depois, com direito a platéia e tudo, a patrol estava roncando seu potente motor Catterpillar lá no Covão, a pá gigantesca arrancando com a maior facilidade as árvores mais resistentes, os tocos mais vigorosos, causadores de muitas unhas do dedão do pé arrancadas, muito couro da sola do pé esfolados, muito geme geme, muito ai-ai, ui-ui.

O ânimo era tanto que até as mulheres apareceram e não deixavam faltar nada ao maquinista. Êta água fresquinha, almoço reforçado, a tiquira para abrir, a galinha ao molho pardo, farinha d'água de Carema e o docinho de buriti na sobremesa. Com essa notável infra-estrutura, não houve como o maquinista se recusar a dar o capricho.

E assim foi. Além de ser profissional competente, fez o serviço com muito gosto. Numa semana o campinho estava pronto, bem aplainado, com direito a acostamento em toda a volta que dava até para construir a mini arquibancada. Na despedida o maquinista prometeu que viria para o churrasco de inauguração - e veio. Fizemos a vaquinha entre os moradores para dar de presente de agradecimento e nos despedimos com tapinhas nas costas e vigorosos abraços.

E agora ao trabalho. Encomendar, comprar, colocar e pintar as traves. Fazer a marcação do campo a cal. Comprar as redes.

No entrementes os clubes floresciam, entre assembléias e reuniões que varavam as noites. Entre um cafezinho e outro - habilmente fornecido pelas esposas - logo estavam registradas nas atas as certidões de nascimento: todos os capítulos dos estatutos.

Comprava-se jogo de camisa, bola oficial, tornozeleira, arrumava-se o quintalzinho para a sede, elegia-se a diretoria, arregimentava-se os melhores craques locais. Os pernas-de-pau corriam desesperadamente atrás da vaga, nem que fosse na reserva.

Entre a tentativa de conquistar um craque e outro, ocorreu mesmo princípio de mercantilização. Corria favorecimento nos bastidores: o emprego aqui, o dinheirinho ali, o namorico e até casamento!

Os clubes nasceram com mania pelos erres: REAL, RENNER, RIVER, RADAR, mas para quebrar a monotonia tinha também o glorioso FAC - Filipinho Atlético Clube! Depois vieram as dissidências e, como o Flamengo (que nasceu no Rio de Janeiro de uma cizânia do Fluminense), o RADAR surgiu de briga interna do REAL, este vindo de dissidência do RIVER.

E assim inauguramos o Estádio do Filipinho, mais popularmente conhecido por Estádio do Covão. Não com todos aqueles times (de começo eram apenas dois clubes), entre foguetório, notícia de jornal, churrasco depois da partida, abraços, bebemorações.

Como não poderia deixar de ser, estava presente (e foi efusivamente cumprimentado por todos), o herói daqueles dias: o maquinista com toda sua família, esposa, filhos, cachorro, papagaio.

Para dizer que não cumprimos a promessa, elegemos o Deputado: o Filipinho em peso deu sua "ripada na onça". Outra coisa importante: naqueles idos dos anos 1950/1960, quando ninguém ainda pensava nisso (nem mesmo nós), acabava de ser inventado o *futebol soçaite*.

O resto é matéria para historiador e não para contador de folclore como eu...

2 - O artilheiro de perna bamba

"Existem derrotas mais triunfantes que as vitórias."
Montaigne

– Vai! Vaaiii!

Saloca se deslocou. A bola, estabelecendo a trajetória em forma de arco, foi lançada no ponto futuro. Quantas vezes aquele lance se repetiu, com pequenas variações. O passe saído da perna esquerda de Careca era tão perfeito que dava a chance de finalizar de duas formas:

1) se o beque estivesse longe, tinha espaço para matar a pelota no peito, preparando para arrematar com o pé direito ou de trivela.

2) se tivesse sendo pressionado pela marcação, apoiando-se na perna esquerda, encostaria no marcador e, usando o ombro como alavanca, dispararia antes da bola cair no chão.

Saloca escolheu a segunda opção e preparou-se para correr para área de arremate, como havia calculado.

– É minha!

A platéia fica atenta. Sabe que, apesar de todos os defeitos, de ser varapau, aqueles lançamentos o artilheiro sempre pegou na veia. Ai do goleiro ! Um deles foi arremessado para o fundo das redes com bola e tudo, dada a potência do chute. Envergonhado, nunca mais freqüentou as três traves.

Mas a história tem o seu dia de traição e muda sem prévio aviso...

Depois desse dia e até hoje Saloca sonha o pesadelo com o lance: a bola vinha, redonda, redondinha, pedindo para dormir no fundo da rede. Mas as pernas de Saloca, num vexame supremo, não obedecem ao seu comando e injustificadamente bambearam logo nas primeiras passadas. Lá vai a bola caindo, caindo, quicando no chão e nada de Saloca chegar nela. Trocava as pernas como o bêbado largado na noite. A platéia gemeu de dó ao ver o craque perder o passo e tentar, num derradeiro e hercúleo esforço, aproveitar o terceiro quique para finalmente arrematar - ainda dava tempo de fazer o golaço.

Mas as canelas estavam mais moles que perna de mamulengo e foi ele que, recebendo o tranco do beque, foi arremessado pela lateral afora e a bola, protegida pelo zagueiro, saiu pela linha de fundo em tiro de meta.

– Disgrama!

O banco de reserva reclamou, o técnico xingou, os colegas de campo chamaram ele de uma porção de nomes feios, o beque riu debochado e o goleiro chamou ele de perna-de-pau. Ante tanto dissabor junto, o ás lembrou de fingir que tinha sentido a fisgada e levou a mão no posterior da coxa esquerda (ou direita, nem lembrava). Caído na lateral chorou, não de dor, mas de vergonha, vergonha de ter perdido o gol feito, vergonha de ter fingido o estiramento, vergonha por saber que nenhum dos seus colegas do time, nem a torcida, iriam acreditar.

– Mascarado!

Chamou o massagista pedindo o linimento pel'amor de Deus. Tudo doía. Para ele não dava mais. O técnico já tinha providenciado a substituição. Não dava mais para ele. Ia perder tantos gols quantas bolas lhes passassem, mesmo se ficasse cara a cara com o goleiro. Não dava mais. Gemeu como o bebê abandonado, mas continuou só e abandonado na lateral do campo, ninguém o socorreu. Alguns mais atrevidos, bancando valente, se chegaram perto só para dar esporro. Quase foi agredido...

– Ai-ai, ui-ui!

Finalmente, depois de fazer o aquecimento, dar as instruções e fazer a substituição, só depois de deixar o mascarado sofrer um bocado, o técnico autorizou o massagista a atendê-lo. O negão jogou éter por sobre a coxa esquerda, massageou, massageou e aquelas mãos enormes, que mais pareciam manoplas, castigaram tanto a coxa machucada que acabaram por trazer mais sofrimento que alívio. Tinha sido justiçado por perder o gol.

– Chega, chega!

Aquilo só tinha uma explicação: Amélia. Lembrou de Amélia e sentiu saudade. Será que era a saudade que deixava ele tão desligado, sem reflexos para se deslocar, para exibir o maravilhoso controle de bola que sempre foi o seu forte? Ou será que era o amor, que o deixava sem coordenação, a ponto de acorrentar suas pernas no chão como foram presas a mãos de Cristo na cruz?

– Um garoto de 13 anos, promessa do futebol, ficar com as pernas assim em frangalhos! Saloca entrou em pânico e chamando o técnico resmungão de lado confessou tudo.

– Não entendo! Não, não dá pra entender...

– *Disculpa* Sêu Mano. E baixinho no ouvido: A culpada só pode ser Amélia.

– Culpada o cacete! Amélia? Como pode ser culpada, aquela coitadinha?

E contou. Contou como de uns meses para cá o velho seu pai achou de proteger, a pedidos, a filha do seu Mário, amigão do interior – e deu acolhida a Amélia. Ela mesma, aquela de peitinhos empinados que todo dia de manhã vai na padaria e deixa seu Manel e todos os fregueses arrepiados. Como eram muito amigos, o velho e o Mário, tratou-a como a filha que não teve. Um quarto sozinho para ela, carinhos, pouco trabalho.

– Desde aquele dia quedê sossego Sêu Mano? A menina tá nova, quer toda hora...

Quando ela passa na rua, todo mundo fica entesado por aqueles cabelos negros levemente ondulados, brilhantes, massageados com óleo de amêndoa doce. E todos sabem que ela é mocinha - ainda não fez 16 anos - ainda tem muito para crescer e incomodar a Deus e o mundo. Se é assim perturbador com todos os mortais que passam por ela nas ruas, magina ele, que passou a viver ali, dentro de casa, todos os dias juntinho com aquele amor de pecado.

– Então, um dia ela viu que eu estava espiando ela tomar banho.

Anjo infernal, mais lânguida que a onda errante, boca de estrela, flor amorosa, mais que divina, inocente almejo, poço de desejos, flor de formosura, não reclamou, fingiu que não viu, até deixou. E Saloca foi se aconchegando, chegando de mansinho, até descobrir que era gostado e estava gostando. E foi tomando banho juntos que ele descobriu que ela não era mais mocinha, quer dizer, era mas não era muito. Aliás, diga-se a verdade, foi ela quem confidenciou. Alguém *fez mal* a ela lá no interior, *no centro*.

– Por isso que papai me mandou pra cá...

Então o artilheiro não teve mais desconfiança que estava apaixonado. E paixão daquelas grudentas, que agarra dia e noite com a gente e não larga nunca jamais. Tinha, portanto, de aproveitar aquelas duas horas em que ficavam sós em casa ele e Amélia: os manos, para escola, o velho ia para a praça jogar dama até 6 horas da tarde. E como não tinha outro lugar adequado, nem naqueles tempos tinha hotel nem motel, Saloca e Amélia se encontravam no banheiro, pés descalços no piso úmido e frio, nas duas únicas horas que ficavam sós em casa.

– Larguei até de ir na pracinha bater prosa com a turma.

Essas paixões de começo não tem dia. Ou melhor, tem: é todo dia. E durante muitos meses Saloca e Amélia se amaram diariamente, duas horas em pé! Em pé! Trancado no banheiro, enfrentando o calor como quem freqüenta a sauna. Metia a cabeça entre os peitos de Amélia (era o lugar mais alto que o pirralho conseguia alcançar) e ficava ali lambendo o suor que descia pelo pescoço dela. Só largava quando ficava com o corpo febril tremendo, despejando suor por todos os poros. Aí sentia as canelas bambas fraquejando desobedientes, manquejando como o passarinho ferido, ia dobrando os joelhos, as pernas arriando, até achar repouso recostado, desfalecido, no azulejo frio do banheiro.

– Em pé ? Duas horas ? Mentiroso filho da puta!

E quando terminava Saloca e Amélia ficavam se rindo um para o outro que nem dois bobos. Mas tinha de ir pro treino. Amélia ia até a porta se despedir dele. Era aquela

moleza, vontade de nem não sair de casa. Olhando aquela morena na porta, se rindo, batendo o adeusinho com todo o corpinho moreno, quem disse que dava vontade de treinar? Ia pro campo com o corpo todo tremendo de saudade. As pernas bambeavam como pernas de mamulengo e não tinha massagista que desse jeito. No treino ainda dava pra mascarar, mas no jogo, bem, no jogo foi aquele papelão que se viu.

– E por causa de um Casanova de merda, tomamos uma pitomba daquele time de qualiras!

Saloca aturou a esculhambação cabisbaixo, mas se rindo de amor por dentro. Valeu a pena. Estava feliz. Valeria a pena perder dez partidas iguais aquela. Porque uma coisa ele não contou, guardou para si o segredo para toda a eternidade: foi a primeira vez. Sim, foi com Amélia a primeira vez, a primeira de milhares de vezes seguintes que viriam - com as graças de Deus!

Foi como soube porque Adão cagou e andou ao ser expulso do Paraíso. Foi quando descobriu que a vida não é o mar de rosas, mas que vale a pena viver. Foi como tomou conhecimento de que o amor é lindo e que é a virilha - e não o cérebro - o centro da nossa vida. E nesse idílio consigo mesmo, distraído, acabou pensando alto, quase gritando:

– Valeu a pena !

Com essas palavras, saltou e socou o ar como se tivesse feito o gol. Mal acabou de pronunciar o pensamento em voz alta e tomou um cascudo na cabeça. E assim é que o artilheiro Saloca foi solenemente expulso do time. Mas pelo menos deu para sair na fotografia oficial da primeira formação do River Futebol Clube. Não dá para notar, na foto, se as pernas estão bambas ou não.

Só que, naquela aparição inaugural com a equipagem de listas finas verticais, de cor amarelo-ouro e preto – igualzinho à lata de óleo da moda – o time ganhou da galera a alcunha de Óleo Salada F.C. e dessa pecha jamais se livrou, mesmo depois de inaugurar o novo e completo jogo de camisas. Óleo Salada F.C. como consolo, para sempre:

– Quem quer jogar num time chamado Óleo Salada ?...

3 - "Diabo Louro"

"Se você não diz a verdade sobre si mesmo,
não pode dizê-la sobre os outros."
Virgínia Woolf

Antes de encerrar sua gloriosa carreira no futebol filipinense, acelerada por grave derrame de menisco, Saloca ainda teve uma alegria. Quer dizer, teve muitas alegrias. Foi convidado para treinar no Maranhão Atlético Clube e de fato participou uma semana de treinamento entre os reservas. Mas levou muita porrada de veterano e largou os treinos. Ademais, fora disso, ganhou muitos títulos e vários torneios, muito torneio início.

Nas partidas que disputou jogando no gol (os técnicos aproveitavam sua alta estatura para mantê-lo como goleiro reserva ou regra três), engoliu memoráveis frangos. Por outro lado, quando estava inspirado em Pompéia – cognominado O Águia Voadora – salvava o time de algumas derrotas, defendendo até pênaltis decisivamente importantes.

(Depois, muito tempo depois, foi ser vizinho do famoso arqueiro no baixo Cachambi e chorou ao conhecer a casa em ruínas em que Pompéia morava. Engoliu o medo de saber que a Águia Voadora vigiava o passado glorioso com porres contínuos de cachaça e assim viu como ia ele acabar seus dias, tremendo e atacado de alguma cirrose irreparável. Cadê os clubes pra apoiar o craque? Cadê o glorioso América Futebol Clube? Cadê o Sindicato dos Jogadores?...)

Um dia o time se viu sem goleiro e lá foi Saloca ser titular debaixo dos três paus. A equipe toda atuou bem e havia se preparado para o campeonato com esmero. A essa altura o futebol do Filipinho estava bem cotado e foi fundada até a Liga esportiva para representá-lo junto à Federação de Futebol. Clubes de outros bairros, vendo o sucesso que alcançaram, pediram – e foram aceitos – para participar do campeonato.

Agora tinha o FLAMENGUINHO, o RABREU, o RIANIL. O REAL F.C. ganhou o título do Torneio Início com o pênalti defendido por ele. Mas uma coisa ficou clara para toda a direção: não dava para disputar todo o campeonato com um só goleiro, ainda mais improvisado. Foi assim que chegou ao Filipinho para jogar no REAL F.C. o famoso goleiro de futebol-de-salão, campeão estadual da temporada, o famoso Diabo Louro.

Ganhou a alcunha porque portava a vasta cabeleira, loura, naturalmente, tinha os olhos azuis – e defendia mais que o próprio Capeta. Goleiro de estilo, logo nos primeiros treinos demonstrou porque era ambicionado até por times do Sul. Era alto e elegante como a garça e voava defendendo as bolas mais impossíveis. Com ele ninguém comemorava gol por antecipação, pelo alto era impenetrável. No chão era bom também: era impressionante como caía com rapidez, mesmo se a bola era chutada com violência, rasteira a seus pés. Saloca ficava ali, quieto, atrás do gol vendo o Diabo Louro voar, querendo ser igual a ele.

Outras equipes protestaram: o REAL F.C. estava profissionalizando o campeonato, coisa que ninguém queria. É verdade que, aqui e ali, sempre corria o dinheirinho, o favor, a chantagem, para aliciar os jogadores mais famosos. Mas era diferente de profissionalizar. Veio o primeiro turno, o REAL F.C. venceu e se classificou para a grande final. Mas aí o Diabo Louro, aguerrido como era, foi entrar numa dividida, caiu mal por cima da clavícula e lá se foi o braço pra tipóia.

Não podendo haver mais inscrição de jogadores, o jeito foi manter Saloca como titular durante todo o segundo e decisivo turno. Os times reagiram, aproveitaram as deficiências e fraquezas do goleiro e o REAL F.C. perdeu feio. Jogando debaixo de muita pressão, veio a finalíssima e o REAL F.C. perdeu também.

O Diabo Louro foi defender outros clubes mais famosos e Saloca encerrou prematuramente sua carreira de goleiro.

Agora, nem pra quebrar galho...

O BUICK NEGRO

"Espuma, espuma e estas nuvens, dunas
sobre o lago do céu boiando vagas"
Bandeira Tribuzi

Numa dessas caminhadas passamos, Saloca e eu, por um cemitério de automóveis. Dava pena ver tanto carro que ainda poderia ser usado ali, largado ao relento, sendo carcomido pela ferrugem provocada pela alta salinidade que vinha do mar, invencível e mortal adversário do ferro.

– Sempre que passo por aqui, fico vendo os mais antigos, que estão lá no fundo.

Seguimos a pé até onde ele indicava. Realmente, ali se encontravam os carros mais antigos, alguns já depenados, sem pneus, arriados no chão, nem sequer podiam mostrar resquícios da beleza que já tiveram.

– Gosto mais daquele ali.

Saloca apontava para o velho Cadilac Rabo de Peixe que um dia fora azul claro. Junto dele repousavam os restos mortais de velhos Buick, Studbaker, Austin-Halley.

– O Vô João só conhece o Buick, nunca ouviu falar de outra marca. Dizque costumava ir à praia num Buick negro, com assentos de couro, teto solar e rádio pra ouvir.

A imaginação trouxe de volta a buzina do Buick se ouvia de longe, potente, agitando todo mundo porque anunciava o passeio, o piquenique e, ao fim, o banho de mar. De fato, alguns segundos depois lá vinha o Tio Zé metendo o pé no acelerador, fazendo cantar pneus nas curvas, sabendo que a turma já estava esperando de calção, caniço e samburá.

Era um carro amplo e confortável. Um carrão! Cabia todo mundo dentro e mais: Tio Zé abria a porta da mala traseira e dali surgia, como por mágica, um banco para mais dois passageiros.

– Todos deeentro? A meninada respondia em coro: – Siiimmm!...

– Tudo prooonto? De novo em uníssono: – Táááá!

Tio Zé passava a primeira, a Segunda marcha e arrancava derrapando os pneus na piçarra, sumindo na primeira curva, escondido no meio da poeirada amarela. Era gritaria agitando a viagem toda. Os do bando de trás faziam caretas através do vidro para os dois que viajavam no banco externo. Estes nem ligavam sorrindo alegres, os cabelos revoltos pelo vento, os olhinhos fechados para evitar a agressão da poeira.

A primeira parada era no Tirirical. Se tivessem sorte, poderiam ver o avião americano pousar ou decolar da base aérea que ficava bem ali. Mas o que contava mesmo era a

correria pelo capinzal, evitando, naturalmente, os espinhos de tiririca, que deixavam lanhos profundos e dolorosos na pele.

Os mais sabidos adentravam no mato, numa caçada silenciosa, na esperança de achar algum ninho que tivesse ovos ou filhotes. A descoberta era anunciada como se fosse a vitória. Todos iam ver os filhotes que, ao primeiro ruído chilreavam loucamente, escancarando as goelas. Naturalmente, pensavam que era a mãe que chegava trazendo alimento.

Como num jogo sem regras, estabeleceram que quanto mais bonito fosse o passarinho, mais a descoberta tinha importância. O bem-te-vi, apesar do preto e amarelo, valia pouco, o sanhaço brilhava mais pelo azul claro das penas, o sabiá era o campeão pela bravura que demonstrava, desde filhote. E as mães, nem se fala: quando descobria os intrusos visitando o ninho atacavam-nos violentamente, defendendo os filhotes. Era a natureza falando mais forte.

Não demorava muito e lá vinha a ordem do Tio Zé:

– Todos deeentro? E o coro afinadíssimo: – Siiimmm!...

– Tudo prooonto? E em uníssono reforçado: – Taaáááá!

E lá iam todos estrada afora, o Buick Negro enfrentando valentemente a estrada de piçarra, levantando areia, deixando o rasto de poeira para trás. Quando o carro encarava a trepidação mais forte, a gritaria aumentava na mesma proporção dos sacolejos. Pior para os lá de fora, cujo assento não era almofadado como os bancos internos. Uma trepidação demorada podia custar marcas doloridas na bunda e nas costas.

Antes mesmo que se sentissem cansados, porém, a estrada mudava de feição, entrando num túnel natural, formado por árvores frutíferas. O ambiente tornava-se sombreado e refrescante. Num lugar, os cajueiros, mangueiras, pequizeiros e cajazeiros, perfumavam a estrada com as flores e frutos. Mais adiante era a vez dos jenipapeiros, pitombeiras, as ramas de maracujazeiros floridas e dos pés de ata enfeitarem toda a alameda.

Aí o Tio Zé fazia a segunda parada. Encostava o Buick na beira da estrada e lá íamos todos nós, cada qual com o saco vazio na mão, catar frutas no chão de fartura. Era tempo de manga? O chão ficava coalhado de manga-comum, manga-espada e manga-rosa, madurinhas, derribadas pelo vento. Era tempo de cajazinho? O colchão de folhas secas cintilava, tingido pelo amarelo-ouro das frutas bicadas pelos passarinhos.

Era tempo de caju? Os troncos rugosos dos cajueiros viravam trampolim para saltos travessos dos sagüis que vinham colher frutas e voltar a seu habitat. Quem encontrasse algum jenipapo espoucado no chão, guardava pro Tio Zé. Esse ele não dispensava de jeito nenhum. Ia direitinho para as famosas mãos da Loló para curtir e fabricar o licorzinho.

Não obstante aquela fartura, Tio Zé sempre ensinou a só pegar o de comer e algum para levar.

– Mas tio, vai estragar! – alguém contestava.

– Aqui não estraga nada – ensinava Tio Zé – mesmo o que parece podre, a natureza se encarrega de aproveitar. Aqui não estraga nada...

E com essa aula as crianças viravam passarinho. Até ouvir de novo o grito de chamada:

– Todos deeentro? O coral ainda estava animado: – Siiimmm!...

– Tudo prooonto? Nem sinal de esmorecimento: – Taaáááá!

E lá ia a cambada na cantoria enfrentar a última etapa da viagem.

Mal saía do sítio, pegava o pouco de estrada de areia (o Buick Negro dançando valsa prum lado e pro outro). Aquele pedaço era mal visto, porque era famoso - negativamente famoso aliás - nos tempos de chuva. O areal, cuja base era a tabatinga, virava o lamaçal intransponível, que nem mesmo o Buick Negro, com toda a sua potência vencia.

Superado aquele pequeno deserto de areia fina, mais um quilômetro depois, a mais rápida das paradas: o Rio Maioba. Nem mesmo era um rio, não passava de riacho. Mas o Tio Zé conhecia o canto lá atrás que formava a lagoinha de água doce e alva. Essa parada não dava muito ânimo nos garotos, porque o local onde ia o Tio Zé era fundo. Só dava pra brincar na margem. Mas ninguém reclamava não. Aquela parada, afinal, não era deles. Era a paixão do Tio Zé. Passasse por ali a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo que não fosse a passeio, havera de dar uma paradinha, saltar e ir dar o mergulho no seu laguinho de água escura, mas límpida.

– O rio tá que dá pena. Todo areado! – Era assim que lamentava o assoreamento do Rio Maioba.

– Essa gente vem aqui tirar areia pra construção, barrilha pra vender e acaba com o Rio. Dá dó de ver...

O Tio Zé, sofrido com a degradação do *seu* Paraíso, entrava no carro sem dar o grito de guerra. O pessoal tentava animar o resto da viagem, mas o Tio Zé só voltava a sorrir mesmo depois da última colina, quando lá embaixo já despontava o areião da praia, a perder de vista e – por fim – o MAR! O glorioso MAR!

Na ladeira que dava acesso à praia, o Tio Zé botava o Buick Negro em ponto morto e ele descia sacolejando mais ainda, as molas rangendo, aço velho reclamando dos solavancos provocados pelos buracos. Mal chegava lá embaixo, puxava o freio de mão e já saía atirando num canto a camisa, os sapatos, as calças. Abria os braços para os lados querendo abarcar o mundo, respirava fundo a brisa do mar. As crianças há muito tinham iniciado a maratona pra ver quem chegava primeiro na água morna.

– Cuidado com a correnteza!

Que nada, aquilo era mar de piscina. Qualquer criança podia brincar ali sem perigo. Os outros já estavam arrumando vaga nos times, batendo a bola na areia dura, dando bi-

cicleta, fazendo defesas espetaculares. Quem não brincava disso ia apanhar murici e depois descer à toda velocidade, rolando das alturas das dunas.

Tio Zé descia lentamente toda a extensão da praia (até chegar na água era bem mais de cem metros), molhava o pé de mansinho provando a temperatura da água, apesar de saber que ali havia a constância de cerca de trinta graus. Entrava, dava um, dois mergulhos, aproveitando a onda que vinha. Como de hábito, após os mergulhos rituais, o Tio Zé voltava para a beira do mar, onde as ondas vinham morrer marulhando, transformadas em espuma. Sentava e ficava mirando o horizonte, lá longe, onde o céu se junta ao mar, deixando a areia molhada escorrer pelos dedos.

Volta e meia alguém trazia a cervejinha, o sanduíche, a fruta, porque sabiam que ele dali não sairia mais, até quando, no fim da tarde, daria o último grito de guerra para chamar os garotos, pegar o carro e fazer a viagem de volta.

– Todo mundo deeentro? O desânimo refletiu no sonolento coro: – Siiimmm!...

– Tudo prooonto? Respondiam lá de trás agora só umas poucas vozes, mirradinhas, mais que mortas, desmaiadas, cansadas: – Taaáááá!

O Buick Negro, também se mostrava cansado, mas ronronava tranqüilo, como se soubesse que agora a sua carga era mais valiosa ainda, porque, esfalfados de tanta farra a garotada dormia. Jogados à vontade nos bancos, encostavam-se uns nos outros, refletindo nos lábios cerrados a marca dos milhares de sorrisos de felicidade que gastaram num só dia farto de coisas boas. Sonhavam, desde agora, com o novo Domingo, a nova aventura proporcionada por um homem doce, mas que tinha prazer de se anunciar como o relâmpago, tocando a buzina estridente do Buick Negro, fazendo os pneus derraparem nas curvas, gritando o mesmo chamamento, proclamando aos quatro ventos a alegria de viver...

– Tudo prooonto?

A REPÚBLICA DA MATRACA

"A menina que tá na janela
Foi quem me jogou uma flô
Joguei uma toada pra ela
Ela me jurou de amô."
Boizinho Barrica

Mal terminava abril e os pandeirões do bumba-meu-boi começavam a fazer concorrência aos tambores de mina. Era marcado o começo dos ensaios do bumba-meu-boi, que as festas de São João já vinham se aproximando. Mas na verdade não era ensaio coisa nenhuma. Era apenas a convocação que o amo fazia, em obediência à sua própria condição, pois tinha o poder e a obrigação de agregar de novo o grupo do Boi e dar a motivação necessária para que todos chegassem, na época de São João, afinadinhos na dança e no ritmo, ajuntados em amizade e união.

O ensaio era mais para isso do que propriamente para decorar a representação, já que a maioria dos brincantes – tirando um ou outro calouro – era de veteranos que sabiam tudo de cor e salteado. A convocação servia também para atualizar a prosa, tomar uma tiquira, arrumar e reparar os apreparos, renovar as miçangas e vidrilhos coloridos, consertar os pandeiros e as ronqueiras, trocar as fitas descoloridas pelo tempo, tirar do baú os couros do boi - mas o que justificava o ensaio era principalmente a alegria do reencontro, o prazer de retornar ao divertimento preferido.

A reunião trazia idéias, anunciava os primeiros contratos e, confirmadas as representações, dava ânimo para arrumar a brincadeira com vontade. Entre uma tiquira e outra, alguém lembrava de compor letras novas para as velhas cantorias. Aí ia surgindo o enredo, na verdade só o meio de modernizar e tornar mais ágil o auto e deixar o boi bem pesado.

Para animar a alegria, contavam quantos novos brincantes se acusavam entre a rapaziada. Enfim, era o jeito de passar o bastão adiante, que os velhos já estavam com as pernas arriadas de tanto caminhar. Contavam também quem se foi. Um Mestre perdido, na conta geral, valia tanto quanto o zabumbeiro, o brincante, o cabôco ou o cantor. Era sempre uma constante lastimar e recordar das coisas boas de que o finado participou. Dos representantes do bumba-meu-boi esperava-se que acontecesse o impossível milagre que todos os anos acometia os bois: após o drama – a morte, após a morte – a ressurreição!

Mal eram esquecidos os ritmos alucinantes dos frevos no Carnaval, os ouvidos de Saloca começavam a aguçar buscando o som das matracas. E principiava a peregrinação pelos bairros em busca dos terreiros de ensaios. Daí em diante, era todo ansiedade para chegar logo o dia do batizado, véspera de São João. Em todos os ensaios, arrumava jeito de fazer amizade com os brincantes, pedia a matraca emprestada e lá ia ele, com o par de matracas tão grandes que quase não agüentava o peso, rodando, rodando, acompanhando, sem perder o ritmo, o coro das matracas, até a matraca ser pedida de volta. No fim da noite voltava para casa cansado, suado e feliz.

Quando chegava o tempo de São João, então nem se fala. Era loucura ter de a-companhar todas aquelas representações. É claro que não dava, não havia tempo físico nem resistência física, para resistir aquela maratona.

Mas era aproveitar que as festas eram curtas. Logo, logo, dava uma tristeza imensa, malincolia, o nozinho grudento preso na goela – era o fim de tudo, era o fim das festas. Todos eram bonitos sim. Os bois de Rosário e Axixá, pujantes com aquela osquestraiada toda. Parecia um baile. Os bois de cabôcos, que não traziam fitas, com muitos índios a caboquinhos, eram bonitos também, mais principalmente, eram os mais sonoros. Se ouvia de longe, de longe se via aqueles pandeirões enormes sendo atirados pra cima no ritmo da pancada.

Era difícil, impossível mesmo, resistir àquela zoadeira toda, cheia de animação, provocada pela ronqueira, pela zabumba, pelos pandeiros. Durante todo esse tempo ele soube amar um boi mais que os outros, apesar de não saber como tinha nascido essa paixão. Mas, se tinha um Boi que Saloca guardava no coração, era o Boi da Madredeus. O Boi por excelência. O Boi da sua torcida e paixão. O Boi de couro mais bonito, o Boi do mais sonoro garnicê, das melhores toadas e louvações, o Boi da mais bonita representação.

Como era louco pelo Moto Club e pertencia à nação rubronegra, na vitória e na derrota - da mesma forma gostava do Boi da Madredeus. E ai de quem falasse mal dele! Porque, para Saloca, ver a representação do Boi da Madredeus é alguma coisa de inexprimível, inominável, indescritível, algo que não tem explicação. Entre todos os rivais - tirando, claro, o veterano e tradicional Boi de Cururupu - o Boi da Madredeus só respeitava o Boi de Laurentino, da Fé-em-Deus, cuja zabumba ritmada tinha o som tão poderoso que cobria a batida de qualquer outro Boi que por acaso enfrentasse cara a cara.

Meus amigos, alguém de vocês já presenciou, in loco, a Sol da Meia Noite? Ninguém? Eu também não. Talvez um, talvez nenhum. Mais certo nenhum. Porém, a imaginação da gente advinha como deve ser belo em sua magnitude. Aliás, hoje em dia, o cinema, aliado à TV e esta por sua vez aliada à antena parabólica bem que já deve ter mostrado o Sol da Meia-Noite, em Eastmancolor e Cinemascope, Todd-AO e efeitos sonoros Surround Dolby-Stereo, para boa parte do mundo. E com essa parafernália toda deveria ser igualzinho ao original, como se estivéssemos vendo todo o arco-íris em que se transforma a abóbada celeste ao vivo, certo?

Errado. Pelo menos, foi o que Saloca me disse: "Numa reportagem que li, o famoso explorador do Ártico Sir Roberts Elroy declarou que nada seria capaz de exprimir, em palavras, sons, pincéis, imagens e cores, toda a beleza exuberante, a magnificente beatitude (e mais outros superlativos, que não vem ao caso), daquilo que chamamos Sol da Meia Noite."

"Principalmente (dizia ele, Roberts), porque ninguém seria jamais capaz de exprimir todo o grau de excitação que percorre a alma humana diante daquele espetáculo da natureza, que transforma toda aquela imensa região gélida num ambiente de tal maneira religioso e santificado, que o espectador se sente extasiado, como se tivesse incrustado dentro de uma essencialíssima igreja, cujo único freqüentador fosse o próprio Deus!”

Droga! Mas o que isso tem a ver com a Ilha? Simplesmente isso: é dessa mesmíssima maneira que me sinto para descrever a roda de Bumba-meu-boi. Não tem como explicar, nem mesmo pedindo ajuda à imaginação fértil e trasbordante de Saloca: "É um ambiente de tal maneira mágico, que se aproxima muito daqueles encontrados nos terreiros do Tambor-de-mina, o ritmo é tão alucinante como o do Tambor-de-criola, o drama é tão mais bonito que a ópera de Carlos Gomes e, quando o terreiro está cercado de muitas fogueiras, o céu resplandece como o espetáculo boreal."

– Nem mesmo eu seria capaz de descrever melhor!

Ou seja, de outra maneira e com outras palavras, só mesmo indo ver a representação de Bumba-meu-boi para saber o que significa beleza dos cantos, o ritmar dos tambores, o repenique das matracas, o desfecho sensacional do drama. Cheirar a fumaça da lenha ardendo nas fogueiras, ouvir o foguetório que precede a chegada do Boi e os balões que sobem colorindo o céu.

Ouvir o bombardeio constante dos foguetes, que sobem chiando para explodir lá em cima, misturando-se aos riscos coloridos dos fogos de artifício. Ver a alegria elétrica estampada nas faces daqueles que acolhem os participantes, ver a maneira alucinante de como o povo entra e participa da festa, mas, principalmente, ver o riso grande estampado na cara das crianças, correndo e gritando em volta da Burrinha, do Caipora e do Cazumbá.

Depois de aquecer o couro dos instrumentos é quando começa a vadiação. É hora de brincar. O povo se agita excitado. Os moleques procuram os melhores lugares. É claro que o urro roncado do onça, a batida cheia dos pandeiros, o repique da zabumba e o repenicar das matracas mexem tanto com o corpo da gente quanto qualquer banda de rock'n'roll. Impossível ficar parado.

Mas nada se iguala em beleza cênica, quando o bailado se inicia e o Boi adentra na roda atendendo aos chamados do cantador, girando, girando, girando. Ora o Boi circula sobre si mesmo, rodando como o pião, ora o dançante deixa a posição curvada e o Boi se levanta todo de uma só vez como se desse o salto no espaço sideral, ora o Boi avança sobre a multidão deliciada como se fosse tourear de verdade, provocando gritos e correrias.

E o couro do Boi? De primeiro ele entra vestindo o couro modesto, muitas vezes de pano liso como um boi qualquer. Na segunda aparição já vem com o couro de lona, mas pintado com algumas paisagens e referências de suas origens. Depois mais outro e outro mais, cada qual mais bonito que o anterior. Quanto mais famoso, mais couro o Boi possui. E, por fim, o Boi mostra toda a sua pujante beleza quando veste o couro de veludo negro, todo ilustrado com canutilhos, miçangas, paetês, avelórios e outras pedrarias, que transformam o próprio Boi numa riquíssima obra de arte.

O contraste do veludo negro com o cintilar dos vidrilhos se acentua a cada giro que o Boi dava dançando no meio da multidão. Honra e glória àquele dançarino que faz o miolo e se mantém quase sempre anônimo durante toda a representação dançando embaixo do Boi, mas que se transforma num ídolo, no herói mais procurado por todos, assim que terminava a função. A glória do Boi era a glória do dançante, a glória do miolo.

Mas não há bem que sempre dure nem mal que sempre ature. Depois da alegria chega o dia da tristeza. Marcada a morte do Boi, guarda-se os apreparos, os chapéus de fitas, as fantasias, tudo é recolhido dentro da cerimônia da morte. Não obstante ser a continuação da festa, com direito a muita bebida, cantoria e comida, não deixa de ser um ritual triste.

Ainda se ouve o som das zabumbas, dos pandeiros e da roncadeira. Ainda se ouve o canto choroso do reencontro com o Boi que, por estar muito doente, vai ser sacrificado. Ainda se ouve as toadas tristes.

O Boi vem vestido com todos os couros que usou durante os festejos de São João e toda a solenidade do rito se reflete na dança, cujo ritmo acompanha o gemido das cantorias dolentes. A cada passada o couro é retirado, cuidadosamente dobrado e guardado. Por fim, tirado o último couro, o esqueleto, mal coberto com uns trapos, é levado para o ritual da morte na fogueira.

Quando as chamas consomem os últimos pedaços do esqueleto do Boi, os assistentes vão se retirando aos poucos no rumo de casa, se despedindo dos amigos, o derradeiro abraço, o último aperto de mão.

Os brincantes deixam o terreiro cabisbaixos. Levando os apreparos na mão, se perdem na escuridão da madrugada entre a fumaça das fogueiras.

A brisa da madrugada lança as últimas faíscas no rumo do céu, a brasa vai se transformando num monte de cinzas. O esqueleto do Boi sumiu de todo. A madrugada se transforma numa ossada de silêncio.

Saloca, deitado na cama, permanece com os olhos arregalados de excitação que não deixa o sono se aproximar. Mas quando o sono vence, ainda sonha que está ouvindo, ecoando na cabeça, o som gutural e triste da voz que entoou a última ladainha.

OS VIOLÕES SILENCIOSOS

"Meus álgidos suspiros,
nos cemitérios d'alma,
sufragam tua imagem
sobre o lis do amor."
Catullo da Paixão Cearense

Reclamei com o Velho João do silêncio enorme, amazônico, que fazia de noite em todos os recantos da Ilha. Era o silêncio de tamanho maior que a escuridão. Lembrei de Mário de Andrade relatando o nascimento de Macunaíma...

– Durante a noite toda só se ouve o mar quebrando, incansável, as ondas na areia. Além da cantiga do mar só se ouve o murmúrio, o canto de sereia que não tem fim. Quase que me tira o sono de tanto silêncio.

Muito me estranhou, eu que moro numa cidade tão grande que nas noites se ouve tudo quanto é ruído. E sempre tem uns tirozinhos ecoando nos morros onde a bandidagem convive. Não se tem paz nem silêncio.

– A noite tem dono, o silêncio é dele. Mas antigamente o silêncio era maior, muito maior. Comentou o velho sem estranhar minha admiração. Era um caladão bem maior que não se era capaz de medir.

– Mas ainda é um grande silêncio esse daqui. Uma coisa calada, enorme, como o fundo de mar ou as alturas do céu. Talvez mais ainda...

– Noutros tempos o silêncio era tão grande, mas tão grande, que se ouvia nas sextas-feiras o Tambor de Mina bater lá na casa do Mandigueiro do Turu. O som do tambor vinha de longe, mágico, perseguindo quem não crê, quem não tem fé...

Jurando que eu já era de casa, deu uns gritos lá para dentro:

– Moleque, quéde o café? Cuida, que o moço já chegou!

E continuou a prosear, como se não houvesse interrompido:

– Quando tá assim, esse silêncio enorme que dá até pra escutar os suspiros da morte, quer dizer que as almas estão conversando. É dia dos espíritos se reunirem na fala deles, que não tem fim.

Lá de dentro vinha o rebuliço de xícaras e o cheiro do café torrado recendia em toda a casa, aromático, sensual, amigo.

– Antigamente o silêncio era tamanho que se ouvia as serestas que se faziam lá pras bandas do Sacavém, o tambor-de-crioula da Maioba, os ensaios do boi de Ribamar!...

A despeito do exagero, que preferi deixar passar sem comentários, tomou o café e se aprumou, arrumando as recordações.

– Esse menino não sabe ainda o que é o amor... Ela tinha os olhos verdinhos, da cor da alface.

Pegou a tora de fumo-de-rolo, pretinho, molhado, escorrendo a gosma cheirosa que parecia mel.

– Entre os oitizeiros da Praça, foi quando vi pela primeira vez, ela saindo do colégio vestida de rosa-e-branco.

Agarrou o canivete com jeito e começou a tratar a masca de fumo-de-rolo.

– Sobressaía das colegas pela beleza. Daí em diante não tenho dedos que possam contar todas as serestas que fiz pra ela.

Cortou cuidadosamente o rolete de fumo e guardou o resto.

– Hoje reconheço que foi paixão, dessas fulminantes.

Amaciava carinhosamente o naco de fumo nas pontas dos dedos.

– A paixão é assim que nem o raio, que cai e arrebenta a árvore no meio. Essa nunca mais se ergue...

Depois pegou a masca entre os dedos, amassou com delicadeza e arrumou num canto já conhecido da bochecha.

– É como o raio, a paixão atura a vida do raio, só um segundo, mas traz destruição e morte. Destrambelhou meu coração.

Daí a masca de fumo iria se dissolvendo e só seria cuspida pra fora após esgotar o último sumo.

– As canções preferidas eram as de Catullo da Paixão Cearense - que na realidade foi poeta e compositor maranhense.

Parecia que os dedos macios da mocinha tocaram forte nas cordas do coração calejado do pescador.

– Estava ciente que tanta finura não era coisa pra mim. Mas não custa nada a gente gostar, né seu moço?

Saloca sabia em que dava tanta nostalgia e pegou lá dentro o violão encardido pelo tempo. Um acorde ressoou na varanda.

"Eu sou capaz de confessar aos pés de Deus que eu nunca vi, em mundo algum, uns olhos como os teus!"

Entremeando os versos esquecidos e relembrados, mas com a memória da garota bem fresca na cabeça e no coração, a canção foi levada até o fim.

"Que os olhos teus são os de Maria, a Mãe do Redentor!"

Mal soaram os últimos acordes (e depois dos últimos suspiros) e Saloca entoou sua esperada ladainha.

– Também aprendi um pouco de violão. E já fiz uma seresta.

O velho, com seu jeito debochado, nem deixou ele completar e se riu:

– Seresta, seresta porra nenhuma! Hoje em dia nem tem mais seresta. Não se faz mais seresta. E isso que tu faz é arrumar dois ou três acordes, ajunta a vozinha de gato miado e inda quer chamar aquilo de música, de seresta. Hoje em dia nem tem mais...

A despeito da grande diferença de idade entre avô e neto, eles não se importavam e ficavam que nem dois adolescentes discutindo sobre namoradas, se debatendo para contar quem levou mais vantagem perante o outro.

– Foi para uma garota carioca - Saloca nem se importou com os comentários do velho – ela era muito bonita, tinha a pele branca e pura como o leite, os cabelos pretos compridos, brilhantes "como a asa da graúna"...

Passou os dedos nas cordas do violão, à toa, sem compor nenhum acorde.

– Tinha a boca tão vermelha que nem precisava de batom. E os lábios eram arregaçados assim para os lados, como as areias da praia. Realmente era linda demais.

Suspira o suspiro adolescente, como quem conta os segredos da primeira paixão, sem se incomodar com os risinhos que o velho João soltava de vez em quando, risos de sonoridade safada e perdida...

– Mas foi a seresta de um dia só. Logo depois acabaram as férias e ela teve de voltar para o Rio de Janeiro e lá se foi. Muito tempo depois recebi o cartão postal dela...

O velho João não se conteve e começou a soltar a língua, desvendando o que havia de secreto naquele amor impossível.

– Ele não conta que, quando fez a tal seresta (disse acentuando tom de desprezo), a menina já tinha viajado, foi simbora.

Saloca não escondeu que estava enfezado e aproveitou para sumir lá para dentro, levando consigo o violão.

– E lá ficou o bestalhão na porta da igreja, que ficava bem em frente à casa da menina, repetindo:

"Meu amor, eu não sei te dizer, com exatidão, como enfermei desta grande paixão, que entrou no meu coração..."

O velho se ria relembrando, com maldade, do sofrimento e do penar de Saloca.

– Os moleques ficaram lá de dentro da casa escura, escondidos ouvindo a seresta. Depois vieram em grupo numa gozaria danada, que o menino chegou a chorar de dó.

– Vieram até ele em risadas só pra dizer que ele estava fazendo seresta para a porta. A menina já tinha viajado pro Rio de Janeiro fazia tempo... Daí em diante o moleque só pensava em ir partir pro Rio de Janeiro. E se não fosse tão longe e tão caro, ele havera de achar jeito de ir mesmo.

Agora não se ria mais. Realmente penalizou de dó de recordar que caso igual tinha acontecido com ele mesmo. Ele também foi repudiado tempos atrás. Mas quem nesta vida não foi um dia rejeitado pela mulher amada?

Vindo de lá de dentro, do último quarto, dava para ouvir acordes abafados do velho e desafinado violão. Quem sabe o que é o amor?

O SACRISTÃO NO INFERNO

1 - A jumenta, o fantasma e o sino

"Mas no silêncio
dominical
vive em suspense
o bem e o mal"
José Chagas

Seu Alfredo tinha uma jumenta velha e mansinha, servia pra tudo a coitada, inclusive como companhia pro velho, até que um dia mercê de uma manobra infeliz perdeu o olho em conseqüência duma chicotada num galho de goiabeira e ficou, por isso mesmo, apelidada de "Caolha". Seu Alfredo, com muita razão, vivia gabando as qualidades do animal que, uma vez dada a partida, era capaz de levar a carga intacta até seu destinatário sem que ninguém a guiasse. Era mesmo bicho danado pra guardar caminho de memória.

Portanto, com tantas qualidades e as muitas bondades a Caolha era muito bem tratada por todos. Visto que era desses animais que jamais esquecem o itinerário, a trilha, era largada à vontade ali pelas eiras do Covão, para pastar e beber a água fresquinha do pocinho. Mas teve uns tempos que seu Alfredo teve dificuldade de localizar a Caolha, que tinha o hábito de voltar sempre para trás da igreja, assim que acabava de pastar livremente pelos capinzais da redondeza, pois ali encontrava a sombra ideal para descansar.

Por fim, o seu Alfredo localizou a bicha comodamente estacionada pra lá do Covão, já quase nas terras da Quinta do Quincas, num lugar onde não só o capim era verdinho, como também tinha água fresca do pocinho. Assim foi em todas as vezes que a Caolha sumia, lá ia seu Alfredo pacientemente para aquele novo lugar que a jumenta achou para seu descanso. E, por motivos que ninguém jamais desconfiou, a Caolha ficava sempre de traseira para a pedra de meio metro de altura...

Mistério dos mistérios. Um dia seu Alfredo topou com certo sacristão trazendo a Caolha pela rédea:

– Ôi seu Alfredo, vinha mesmo entregar a jumenta, que estava largada lá pras bandas da Quinta.

Mas a Caolha não aparece aqui por causa desse inusitado raconto. Mais porque, depois desses desaparecimentos, seu Alfredo resolveu deixar a Caolha pastando num terreno baldio que tinha atrás da igreja, perto do açougue. Tinha fartura de capim e a jumenta ficava bem à vontade, apesar de amarrada, porque a corda se esticava por uns dez metros de diâmetro. Mas ficava também perigosamente a poucos metros do sino da igreja.

Enquanto pastava era inevitável a Caolha ficar balançando o rabo para espantar varejeiras e mosquitos. Bastou alguém ter a idéia de arranjar um rolo comprido de barbante, amarrando a extremidade no rabo da Caolha e a outra na corda do sino da Igreja! Durante toda a noite escura ficou o sino a badalar estranha e irregularmente. Nenhum dos

moradores próximos ousaram ir no local para verificar a ocorrência: tinham medo mortal de fantasmas...

2 - Hóstia e vinho de missa

"O diabo, quando tem fome, come mosca."
Ditado Popular

Sem dúvida o momento mais angustiante para o sacristão é quando a missa é interrompida para o clássico sermão. Se o padre for daqueles loquazes então, nem se fala! O coitado fica lá atrás, na sacristia, contando nos dedos os minutos que não passam, sem saber o que fazer.

Hora magnífica para o diabo agir, ele que sabe aproveitar todos os momentos de vagabundagem e é especialista em ficar futucando a cabeça dos ociosos, instigando e mostrando as coisas que ele, certamente, seria capaz de fazer numa sacristia.

Futucando os armários para passar o tempo, primeiro o sacristão descobriu o depósito do vinho de missa. Sempre ouviu falar que aquele vinho era feito especialmente para o padre rezar a missa, e que era bento! O sacristão ouviu a voz do mal anunciar todas as boas qualidades daquele santo néctar. O sacristão relutou a princípio (as garrafas eram todas lacradas com lacre de cera vermelha derretida), mas o diabo cheio de razão e tentação venceu e ele, descobrindo a garrafa aberta, deu a primeira bicadinha.

Mas não é que o Capeta tinha razão de sobra? O vinho era a delícia das delícias! Buquê dos buquês! E a partir de então a hora do sermão deixou de ser aquela angústia para ser ansiosamente aguardada...

No segundo passo o Capeta achou de mostrar onde ficava o pote de hóstias, o corpo abençoado e bendito de Cristo. E teve o cuidado de dizer no ouvido do sacristão que não era pecado comer hóstia. Pelo contrário, quem comesse haveria de ficar sabendo todas as coisas boas e más, como aquela velhíssima estória da maçã. Ainda mais se fosse aquelas que ainda não tinham sido bentas e portanto ainda não eram de verdade o corpo de Cristo.

E afinal, beber aquele vinho puro em jejum num daqueles dias quase o denunciou num cochilo que deu quando o sermão do Frei Friedrich estava mais pra reza fúnebre que pra sermão.

Um dia porém Frei Friedrich tirou merecidas férias e viajou para Alemanha, sua terra natal. Deixou como substituto o recém-chegado que mal falava o português e, por isso mesmo, pronunciava sermões curtos e engrolados.

Numa das missas, vendo que o sacristão, ignorando os pigarros com que ele, conforme combinado, anunciava ter terminado o sermão, mantinha-se encerrado lá atrás, o padre acabou rapidamente a missa, abençoou a todos com um "Vão todos na paz do Senhor" e foi direto pra Sacristia. Foi vergonhoso flagrar o sacristão tentando tirar meia dúzia

de hóstias que, de tão fininhas e macias, grudaram no céu da boca com firmeza de ostra agarrada na pedra.

O Demo se borrou todo de tanto se rir ao ver o sacristão engasgado com a paçoca de hóstia incrustada no céu da boca discutindo com o frei alemão num palavrório que ninguém entendia. O sacristão com a boca cheia de hóstias se engrolava todo tentando justificar para o frade o que se passava e o frei tentando desdobrar a língua alemã para transformar num português castiço aprendido com professores lisboetas e dar o esporro no sacristão.

Quando Frei Friedrich voltou das férias o sacristão foi denunciado e demitido sumariamente, tendo que abdicar para sempre do hábito vermelho e branco com o qual fez a primeira comunhão e que o qualificava na conquista perante as donzelas pálidas que acompanhavam as mães na missa dominical.

Nem é preciso dizer que esse fato lamentável também colaborou para financiar a passagem do dito cujo direto para os braços do Capiroto, que devia estar se rolando no chão de tanta coisa boa que acontecia para o seu país...

NOS DIAS DE HOJE EM DIA

1 - Mangue Seco

"Mas a saudade perdura,
magoa, fere, tortura,
enquanto a vida durar!"
Catullo da Paixão Cearense

A vila de pescadores tinha esse nome não porque fosse tirado de algum romance, mas porque as areias finas trazidas pelas ventanias constantes (que penteavam as palmeiras todas numa só direção como que formando uma cabeleira de estilo afro), avançavam decididamente sobre o manguezal, sufocando e matando as raízes elevadas dos pés de mangue, que acabavam por virar um amontoado de bichos pré-históricos que nem mesmo a imaginação fértil de escultor poderia criar.

A picape resmungou avançando célere pelas ruas desertas da vila. O carburador soluçava, o cano de descarga tossia, o motor gemia, todo o veículo palpitava a cadência diferente como se fosse o velho e meigo coração se despedindo emocionado da paisagem. O sol anoitecia, a viração transformava o que restava do fulgor numa leve ardência de sangue que se fundia com o horizonte sabe-se lá em quais lonjuras.

Ele inventava aquela correria de quem finge ter pressa, quem pensa que vai a algum lugar, obrigando a picape saltitar como peixes nas corredeiras, levantando da piçarra nua a poeira esbranquiçada que, emaranhada e confundida com a vasa que vinha da praia, transformava-se numa essência que rasgava o manguezal e se entranhava na noite, na pele, na roupa, nas almas, nos cabelos, nas pessoas.

Ligou o rádio do carro esperando sufocar com a música aqueles sons que se confundiam com os próprios ruídos corporais: era ele mesmo uma coisa qualquer ambulante e inquieta, cheia de sensações, dores, gemidos. Derrick Harriott com sua voz exultante reciclava "BE TRUE", reggae da década dos '60 tão antigo como a dor de deixar alguém.

A nuca doeu a dor funda, o braço esquerdo acusou o adormecimento repentino, o peito espremeu o coração como um tirador de sucos, aflorando as mais estranhas memórias de enfartos, taquicardias, palpitações, morte, que nem mesmo toda a medicação prescrita e seguida à risca o poderia salvar.

As luzes do Aeroporto surgiram enfim salvadoras, capazes de evitar o colapso, como estrelas salvadoras na escuridão do mar dos pescadores e puderam afinal alavancar com seu farol as asas brilhantes do avião que engoliriam tudo quanto fosse comoção.

Mangue-Seco
A vila dos pescadores
Mangue-Seco
não tinha esse nome não
Mangue-Seco

foi o carinho arrancado
Mangue-Seco
debaixo de muita emoção
Mangue-Seco
se fosse o lugar de verdade
Mangue-Seco
feiticismo de uma localização
Mangue-Seco
seria a mansão de silêncios
Mangue-Seco
palco de faraônica paixão

2 - Cheiro de maresia

"A noite me surpreende entre as imagens,
prisioneira no álbum de retratos."
Vito Pentagna

Depois de banhar na cacimba ao jorro que caía da cuia e à luz das estrelas, ela enrolou o corpo numa canga de estilo rasta e seguiu pra casa. Um passo em falso foi suficiente para o pé resvalar nos degraus do destino. E ocasionalmente aparecer algum desconhecido para massagear o pé e ouvir histórias bem sucedidas e felizes e em troca contar frases de efeito, ilusórias, das muitas que guardou do ensinamento dos mestres orientais. O resto era teatro de camelô, luz de boate, música de cantor de bolero, que finge apaixonamento repentino.

Frases que serpenteavam pelo pensamento caminhando pra buscar respostas, como o farol guia na noite os pescadores. Frases que só tinham alguma valência para quem precisava, para aquele que, para ouvi-las, silenciava-se todo, calava mesmo os ruídos exteriores, o coral formado pelo som da gritaria, para poder gravá-las nalgum canto do coração, até da mente. Só assim funcionavam como frases, senão se transformavam em galhofa de mago.

Depois que o frio da noite cruzou as roupas leves dela arrepiando todo o corpo, ele teve o jeito muito feminino de acolher o pé debaixo da camisa de malha e aquecê-lo junto ao peito. O pé criou vida, se mostrou agradecido, acariciou o tórax, o mamilo direito, deixando os pelos do corpo e todas as coisas mais eriçadas. Tudo então mudou, tudo então virou brincadeira, tudo então se transformou numa irmandade cuja união alegre logo se travestiu num tempero de amor com cheiro-de-peixe assado na brasa.

Na noite escura outra vez o farol girava continuamente a sua luz salva-vidas e rasgava as latas de cervejas, brindava as taças de vinho, focava o grito cadenciado e envolvente dos regueiros, amostrando com destaque o jeito saliente dos passos, as cinturas, os seios, os quadris tirados do ritmo meio chegados entre a dança-do-ventre e o tambor-de-crioula.

Num átimo o cabelo dela voou na noite e ela sumiu como estrela cadente. Nem ela estava mais ali sentada na cadeira ao lado nem o seu pé precisava mais do calor do peito dele nem sua fala macia narrava suas necessidades nem precisava ela mais de ouvir as histórias das mil e uma noites nem seu riso valente e libertário ecoou numa gargalhada vistosa.

Ela não estava mais ali, ficou somente o cheiro do corpo, ardido como pimenta, sufocante como o cheiro de amêndoa doce.

Em tudo, em tudo, em tudo
exala o seu peculiar cheiro:
Mesmo num altar sagrado,
na quebrada das ondas,
na areia da praia,
mesmo na distância, mesmo no mar
persiste o sentido perene daquele odor.

Aroma, perfume, fragrância,
essência, olor, cabelos, lábios,
olhos, nariz, seios, umbigo,
em tudo, no ambiente, em tudo,
em tudo exala o cheiro dela.
Na distância, na dormência,
na constância, mesmo nas coxas,
no sexo, mesmo nas nádegas,
sobrevive a percepção eterna do frescor.

A luz insistente do cheiro de maresia
finge demonstrar ao navegante que é
regaço tranqüilo a baía formada
pelas ondas traiçoeiras mas acolhedoras
do delta das tuas coxas.

3 - Óleo de amêndoa doce

"É beijo tudo o que de lábios seja
quanto de lábios lábios se deseja."
Jorge de Sena

O corpo dela reluzia à noite entre os lençóis verdes das ondas do mar. O som era o mar. O odor era a vasa. O ritmo de vai-e-vem eram as ondas que vinham parir na areia. E enquanto as nuvens cinzentas sobrevoaram a praia, tudo era morno e gris. E nenhum dos dois sentiu vontade de saber do sol aparecer para tirá-los daquele calor.

O cheiro de amêndoa doce guiava o caminhante para a presa favorita. E qual animal noturno farejava os poros doces e dali tirava sustento para mais um dia. Nada de

pressa, nada de prisão, nada de dominação, a não ser aquela que liberta e dá asas para voar, como as águias de caça, que vão e vêm ensinadas por seus mestres-caçadores.

O cheiro de amêndoa doce traduzia ao amante a ternura e o contentamento. Antes de ser o agressor era o agredido, antes de ser o senhor era o escravo, antes de ser o mestre era o aprendiz. E nessa contínua guerra de carinhos sobreviviam as carícias espontâneas indicando ao caminhante o caminho do gozo e do prazer. Sempre farol, nunca escuridão.

O cheiro de amêndoa doce tirava o apetite pelas coisas banais e frívolas como o raro pôr-de-sol qualquer, mesmo que o sol fosse o sol dourado de Van Gogh sobre o vale de girassóis. E a maré vinha e a maré voltava, surfistas flutuando sobre as ondas em busca daquela melhor para lançar-se e com ela alcançar as manobras radicais e o êxtase para o qual está preparado espiritualmente.

O supremo prazer aqui é trazido pelo cheiro de amêndoa doce mesclado ao suor dos corpos laçados. Aí o corpo de ambos reluziam e tornavam a negrura do quarto mais clara como se o repentino luar varasse as cortinas e banhasse com sua luz difusa os surfistas que não precisavam de pranchas, não careciam de água, não flutuavam sobre ondas verdes nem voavam no sonho de campeonatos mundiais.

E no entanto, múltiplos, eram tudo isso por conta do cheiro de amêndoa doce que impregnava todo o ambiente com a mesmíssima intensidade estonteante de gozo e prazer das tendas de fumadores de haxixe. Quando o tempo se esqueceu de tudo e se esqueceu até de passar, quando as radiolas de reggae calaram seus decibéis, quando os tonéis e vidros de óleo de amêndoa doce esgotaram seus mananciais, quando, até mesmo, as odaliscas deixaram de colear a dança-do-ventre, ela pegou carona num anjo de aço e atravessou na noite os cinco mil quilômetros que os separavam, em busca do manancial de palavras, agora não tão ricas em saberes, já vazia de ilusões, sem nenhuns poderes de persuasão.

E retornou aos braços de seu verdadeiro amante.

Nada havia mudado o encanto: seus olhos e seus lábios ainda se compreendiam, mesmo sem palavras e quando seus corpos de novo se uniram o que estava em jogo não era nada irreal, mas o líquido finíssimo e perfumado do óleo de amêndoa doce. E de novo buscaram a vila de pescadores para, na solidão da noite e ao ruído sinfônico das ondas do mar se lascando na areia da praia, buscarem a poesia dos sons emitidos em surdina, dos gemidos que ninguém entendia, dos violentos arranhões, dos intermináveis beijos que premiavam roxos medalhões, dos desfalecimentos temerosos que deixavam a nuca doendo a dor profunda, o braço direito gemendo a dormência demorada, o peito mais tenso que o rolo de aço comprimido, o pobre coração como britadeira, fazendo acordar as mais trágicas histórias de taquicardias e palpitações, seguidas de colapsos fatais que nem mesmo toda a maquinaria cheia de monitores, tubos, unidades hipermodernas da UTI, poderia prolongar ou salvar esta estranha e comovida existência, acomodada e pré-programada a viver apenas cinqüenta e sete anos de vida cigana e atribulada.

É neste exato momento que se inicia a nova história, a linda história de amor, que por ninguém jamais será contada...

MAIS UM DEDINHO DE PROSA...

"A memória é o único Paraíso do qual não podemos ser expulsos."
Johann Paul Richter

Péra lá, gente! Antes de dar ponto final na história devo dizer algo sobre o bairro muito falado nos parágrafos anteriores: o Filipinho. Não vou encher mais o saco de vocês com minha memória que já falha. Mas se chegamos até aqui, dá para aturar mais um bocadinho. Apesar de quê esse negócio de lembrar é muito relativo (obrigado Einstein!). Lendo o livro de memórias nada menos de Carl Gustav Jung – o papa da psicanálise (depois de Freud, claro), fiquei surpreso quando logo no início Jung registra a mais antiga lembrança da sua vida.

Num exercício de regressão, Jung conseguiu recuperar – e descrever – a cena ocorrida num parque arborizado, onde a luz do sol varava a folhagem incomodando o bebê que estava deitado num carrinho. Era o próprio! Não obstante ser especialista em análise e psicanálise – ou por isso mesmo – Jung mostrou que também é escritor e poeta: deixa-se trair com dados e expressões como "É um belo dia de verão" ou "A capota do carrinho está erguida", elementos que a própria idade não permitiria registrar. Mas, enfim, é a memória – não o cérebro nem a alma – o mistério do homem.

[Eis o texto: *"Surge aqui uma lembrança, talvez a mais remota da minha vida e que, por isso mesmo, não é senão uma vaga impressão: estou deitado num carrinho de criança à sombra de uma árvore. É um belo dia de verão, céu azul. A luz dourada do sol brinca através da folhagem verde. A capota do carrinho está erguida. Acabo de acordar nesta radiante beleza e sinto um bem-estar indescritível. Vejo o sol cintilante através das folhas e flores das árvores. Tudo é colorido, esplêndido, magnífico."* C.G Jung "Memórias, sonhos, reflexões"- Nova Fronteira (RJ)-1975?]

Bom, disse cá com meus botões, se Jung pode eu também posso. Foi em João Pessoa, onde nasci e saí antes dos dois anos, que achei a minha lembrança mais antiga: me encontrava num terreno baldio, embaixo de uma mangueira brincando. Via nas proximidades minha irmã e uma moça que tomava conta da gente. Lembrei que fomos à praia de bonde e que houve um incidente: o meu irmão se perdeu e foi encontrado com a sola dos pés esfolada queimada pela areia quente. Essa é a única memória que tenho daqueles dias. Depois, nunca mais voltei a João Pessoa, não conheço minha terra natal Mas esse é outro prazer que estou guardando para gozar antes de ir desta para outra melhor...

Agora vou tentar fazer o mesmo com o bairro do Filipinho, na época um conjunto residencial mandado construir pelo IAPC, com recursos obtidos da contribuição dos associados, para os funcionários residirem com as famílias. Isso sem onerar a Fazenda, os Bancos ou os BNHs da época. As casas tinham varanda, três quartos, quintal, jardim e eram absolutamente iguais. Eram casas sólidas, mas com pequeno defeito: eram cobertas com telha de amianto, definitivamente imprópria, tanto pela matéria com que é feita, quanto por acumular o calor amazônico que cobre São Luís. Fora isso, eram boas, amplas e arejadas.

Ocorreu de haver casas sobrando e as demais categorias de funcionalismo foram contempladas para morar ali. (Lembro, de passagem, que naquele tempo não havia o famigerado INPS [sucessores e sucedâneos], que, gerido por gente sem escrúpulo, prejudicou mais de uma geração de brasileiros. Aproveito para rogar praga: Que todos eles, desde aqueles tempos até o presente – incluindo FHC e sucessores – ganhem a caldeira mais quente dos infernos!) Mas foi assim que nasceu o bairro Filipinho. Não me perguntem o porquê do nome. O que consta – entre as estórias a respeito – é que ali havia a quinta, conhecida como “Sítio do seu Felipe”, que era chamado carinhosamente de Felipinho pela vizinhança. Daí...

Além das casas absolutamente iguais, o Filipinho era servido também de prédio administrativo, escola primária, lojas comerciais, Posto de Saúde e a Capela de Santa Terezinha, gerida por capuchinhos alemães da Ordem de São Francisco. Com essa estrutura, rapidamente o bairro criou vida: a escola recebeu professores, diretoria, os primeiros alunos, nomearam administradores, funcionários, vigias. As vagas eram geralmente ocupadas pela comunidade, o centro comercial foi abastecido de Mercearia, Quitanda, Bar Restaurante e Farmácia. A Capela tinha como padroeira Santa Terezinha, mas o altar de São Judas Tadeu era o mais freqüentado, vai ver porque é o santo dos aflitos e desesperados. Judas Tadeu sempre foi santo de segunda ordem, porque o seu nome era associado ao de Judas Iscariotes . Porém falava mais alto o privilégio que Tadeu tinha em trazer *socorro imediato, onde o socorro desapareceu por completo*. E o número de seus fiéis sempre foi grande e crescente.

A Escola e a Administração eram separados fundo a fundo por um terreno que tinha enormes mangueiras. No tempo da fruta era comum chegar na sala de manhã e encontrar mangas entre as carteiras. Pelo tipo da fruta, era a manga que se chama hoje *coração de boi...* O vento as derrubava e eram tão grandes que varavam o telhado de amianto e caíam dentro das salas. Outras lembranças que tenho da Escola:

1) Junto com as coleguinhas iniciei-me na brincadeira de *médico-e-paciente* e *enfermeira-e-paciente*, que até hoje, guardadas as proporções, não deixei (graças a Deus!);
2) Fui injustamente acusado de ter derrubado mangas que provocaram a quebra de telhas, mas inocentei-me provando que na hora do ocorrido estava no centro com outro colega;
3) Um dia fui eleito *o mais bonito* (não sei de quê);
4) Fui o único da turma a passar no Exame de Admissão do Colégio Marista, graças a uma redação nota 9 ou 9,5 – não lembro (o vírus de escrever já estava latente);
5) No dia em que o Presidente Getúlio Vargas se suicidou estávamos em aula. A Diretora entrou, fez o comunicado em lágrimas e dispensou a classe. Fosse por outro motivo a folga seria recebida com alegria. Mas estavam todos tristes, nas casas, nas ruas, o País estava triste. Dei a notícia em casa, em primeira mão. Fora isso, lembro que levei muita porrada de alunos mais fortes. Covardes! Tentem hoje!

No terreno ao lado da Administração (Rua 1), criou-se um centro recreativo, com aparelhos de ginástica, a quadra de areia para voleibol e outros esportes menos votados. Faltava, claro, o campo de futebol, estória que vai contada em capítulo especial desta e-

mocionante novela. Em resumo, o Filipinho nasceu com tudo que a comunidade precisa para iniciar a vida, uma convivência. E agora digam: por que temos inveja dos norte-americanos, de sua organização? O Brasil é o país do passado, onde tudo dava certo? Mas é o passado que está tão próximo, que dá vergonha ver como hoje as coisas são feitas.

O bairro era fronteiriço, de um lado, com a Jordoa, do outro, com o *Sítio do Leal*, nas proximidades da entrada do Sacavém. Tempos depois o *Sítio do Leal* também viraria conjunto residencial. Nos fundos começava o manguezal, bonito, verde, que atravessava o Bacanga e se estendia até as bandas do Boqueirão e sempre visitado por garças, guarás e outras aves marinhas. O mangue era farto também em caranguejo, siri e dava boa pescaria – desculpa que a criançada tinha para mergulhar nas suas águas lamacentas, mas saudáveis. Era o nosso Parque Natural. Essa riqueza era explorada por um curtume, instalado às suas margens, que extraía os pés de mangue para curtir e dar a cor avermelhada ao couro de boi ali industrializado.

Em princípio o Filipinho era isolado da Av. Getúlio Vargas, por uma cerca de colunas de concreto e arame farpado, mas tinha três portões grandes, que davam acesso direto as três ruas principais: Rua 1, Rua 2 e Rua 3. Essas três ruas seguiam longitudinais até o fim do bairro (às margens do mangue) e eram cortadas por várias outras ruas, formando grandes quarteirões. Os portões eram fechados à noite e durante toda a madrugada se ouvia o apito estridente dos vigias, que davam ronda em todo o bairro até de manhã. É interessante, porque debaixo desse manto protetor – e também devido ao calor – a maioria dos moradores moravam de portas e janelas abertas. Por outro lado, essa facilidade deu margem a que ocorressem grandes aventuras amorosas, que corriam em surdina, de boca em boca, tornando a vida do lugarejo mais emocionante...

Mas o grande parque natural do Filipinho era o terreno baldio, de formação irregular, do qual se destacava o enorme grotão, logo apelidado de Covão. Era de boa extensão, bem arborizado e também ia desaguar nos costados do manguezal. Ali havia vegetação nativa, com muitas frutas silvestres: goiaba, manga, pitomba, juçara, araticum, pupunha, cajazinho, abiu, cupum. Mas a mais saborosa de todas era a ingazeira, enorme árvore, copada, dava sombra vastíssima, de cuja raiz brotava a nascente de águas limpíssimas. Desculpem todos os superlativos, mas era assim mesmo. Sentado ali, nas tardes quentes, comia bagos e mais bagos de ingá, me deliciando com a polpa branca, macia, cremosa, de sabor agridoce, que me era presenteada, dádiva primorosa da natureza.

A estória do Covão também está ilustrada em capítulo especial. Notem que é o registro do aproveitamento harmonioso de um templo natural, que não destruiu a beleza em volta. À exceção do campinho de futebol, o grotão ficou perfeito em sua natureza. Só não conto que tempos depois os sem-teto – dizem que açodados pelos padres – invadiram o Covão e construíram ali uma favela que deram o nome de *Redenção*. A história trágica das favelas se conhece pelo noticiário vasto produzido nas cidades grandes: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Vendo as casas construídas nas áreas nobres de São Luís (pensei que fosse clube ou hotel, de tão grandes), compreende-se a razão das favelas. Num terreno daqueles dá para construir vários conjuntos residenciais. Cada casa construída em terreno do tamanho de campo de futebol, é mais um tijolinho para erguer barraco nas favelas. Não é só no Brasil: na Venezuela, Chile, Argentina, só para falar na nossa *latinoamérica,* a favela é uma praga mandada por Deus para castigar os super ricos, os

capitalistas, os poderosos. Igual às sete pragas do Egito, à peste bubônica, à gripe espanhola, etc. E novas pragas virão...

Poderia (e deveria), abrir o espaço para falar também daqueles que dividiram o bairro do Filipinho comigo, nossas vidas se cruzaram em várias ocasiões. Ainda hoje alguns cabeça-duras insistem em promover reuniões para lembrar aqueles tempos centrados nos anos 60. Vivi no Filipinho de 1950 ou 1951 (o bairro não havia sido inaugurado oficialmente), até 1963 – ocasião da morte do velho João Rovedo – quando fui, primeiro para o Paraná, depois para o Rio de Janeiro. Mas por algum motivo que desconheço contei mais os fatos do que as personagens. Ademais, são muitos os colegas e amigos que passaram, passaram...

E a maioria já não está em São Luís, nem nesta terra. Foram viver em outras cidades, morreram, estão por aí. Alguns encontrei no Rio de Janeiro, geralmente encontros tristes, rápidos, sem consistência. Todos estávamos lutando pela sobrevivência, alguns com filhos e esposa para sustentar, outros com perdas familiares, enfim, cada um com seu drama pessoal, intransferível. Temos a provinciana *vergonha de tudo* inata em nós. Por isso não dividimos nossos problemas. Como diz o ditado: “*Por fora, bela viola. Por dentro, molambo só.”* De quem herdamos essa praga?

Sinceramente prefiro ir encontrando-os aqui e além, esbarrando nas ruas, tendo notícia por um e outro que ainda está vivo. O referencial que eu tinha das pessoas do Filipinho – mortas e vivas – era Valdir Pereira, mais conhecido como *Ivon Curi*, pela semelhança física. Valdir foi o primeiro amigo do Filipinho. Uma amizade que o tempo se encarregou de consolidar e por fim me trouxe muito orgulho. Éramos simplesmente mais que irmãos. Muito mais: era caso de amor, enfim, coisa assim que não tem explicação. Acompanhei-o em todos os dramas: amorosos, familiares, de consciência. Testemunhei também sua alegria, felicidade, companheirismo. Por seu lado, ele também me ajudou a me manter vivo, para contar esta estória. Nunca faltamos ao outro. Nos tempos de dureza, dávamos memoráveis facadas no outro.

Acompanhei Valdir durante a doença e morte do seu pai, João Pereira, Oficial da Marinha, Capitão dos Portos de Cururupu, falecido no Hospital da Marinha na Praça XV de Novembro. Sabia muito História do Brasil. Ficávamos – eu e João Pereira – horas conversando, tomando uísque na varanda da casa da Rua 13, ocasião que conheci o esquerdismo, acabando por me *subverter* ao janguismo. Vivi as doenças e enfartes de Valdir, que ao fim tiraram a vida dele. Por fim vi o drama de Dona Maria, a mãe, que sobreviveu ao marido e ao filho Valdir, mas adoeceu no Rio e faleceu em Santa Inês, por graça da sobrinha Dora, que a queria muito. Para não deixar este parágrafo mais triste, lembro que depois da morte do pai, ao providenciar os papéis para regularizar a pensão da viúva, Valdir descobriu que não era filho único: o velho João Pereira tinha mais três filhas morenas e bonitas em São Luís. Valdir, é claro, ficou contentíssimo em ganhar tantas irmãs de supetão. Não era mais filho único, um dos tormentos da existência dele.

Valdir veio para o Rio de Janeiro antes de mim. Sempre teve abertas as portas da sua casa a qualquer maranhense que aqui chegasse. Quando cheguei não foi diferente. Juntamos, as casas e as famílias, em comilanças memoráveis. Acresce que tínhamos grandes amizades cariocas, turma do violão e da seresta, tirem uma idéia do que foi tudo isso. Esse Valdir é que me falava das pessoas. Enquanto tenho enormes dificuldades em

relembrá-las, o Valdir lembrava de todos e atualizava as notícias, boas e más. Em matéria de gente e nome, Valdir era a enciclopédia. Agora não o tenho mais para me lembrar das pessoas e ficou difícil. Ademais, pela primeira vez na vida fiquei *de mau* com Valdir: o sacana se foi de repente, sem prévio aviso, sem pedir licença. Foi antes do combinado. Fiquei puto. Essa ele me paga!

E como nos filmes de Hollywood, chegamos ao

THE END

"Entrou pelo cu do pinto,
saiu pelo cu do pato,
quem quiser que conte outra,
que já contei mais de quatro!"

O AUTOR: Salomão Rovedo - Nasceu em 22/03/42 em João Pessoa (PB) – Ainda menino foi para a São Luís (MA), onde iniciou os estudos e começou a fazer literatura - Desde 1963 reside no Rio de Janeiro. PUBLICADOS Abertura Poética (Antologia) - Walmir Ayala/César de Araújo-Editora CS (RJ), 1975; Tributo (Poesia) (Escrito no dia da morte de John Lennon) - Ed. do Autor (RJ), 1980; 12 Poetas Alternativos(Antologia)-Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Ed. Trotte (RJ), 1981; Chuva Fina (Antologia)-Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Ed. Trotte (RJ), 1982; Folguedos (Poesia/Folclore) c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos Autores (RJ), 1983; Erótica (Poesia) c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos Autores (RJ), 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor (RJ), 1987; Poe/r/ta (Jornal de Poesia)-Ed. do Autor (RJ), Anos 1970/1972; Templo das Afrodites-Mais Uma Editora (RJ), 2000; Porca Elegia-Mais Uma Editora (RJ), 2000; Pobres Cantares-Mais Uma Editora (RJ), 2000; INÉDITOS: Contos: Liriana; O Breve Reinado das Donzelas; Estrela Ambulante; O Pacto dos Meninos da Rua Bela; Os Mortos Entre Nós; Romance: Ventre das Águas; Ensaio: Poesia de Cordel-O poeta é sua essência; Poesia chilena contemporânea - O Canto sob o tacão; O cometa de Halley e outros ensaios; Poesia: 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada; Glosas Escabrosas (Com Xilogravuras de Marcelo Soares); Amor a São Luís e Ódio; Macunaíma (Em Versos de Cordel); Cantolivre; Suite Picasso; Ventre das Águas; Amaricanto; Viola Baudelaireana e Outras Violas; Blues Azuis & Boleros Imperfeitos; Anjo Pornô; Sambas, Canções & Sambas Canções; Infanto-Juvenil: Jearim, O Menino que Falava com os Bichos; O Avião que não Voava (Org.); O Lobisomem do Cachambi; Outros: Publicou cerca de 50 Folhetos de Poesia de Cordel, sob o nome *Sá de João Pessoa.* Editou por quase dois anos o Jornalzinho de Poesia “Poe/r/ta”, distribuído gratuitamente, aqui e além.; COLABORAÇÃO: O Imparcial *(MA)*, Jornal do Dia *(MA)*, Jornal do Povo *(MA)* , Jornal Pequeno (MA), Diário de Corumbá (MS), O País (RJ), Poema Convidado *(USA)* , La Bicicleta *(Chile)*, Poética *(Uruguai)*, Jornal de Debates *(RJ)*, Jaque *(Espanha)*, Ajedrez 2000 *(Espanha)*, A Toca do (Meu) Poeta *(PB)*, Opinião *(RJ)*, SL-Tribuna da Imprensa (*RJ)*, Poesia *(Espanha)*, Jornal do País *(RJ)*, D.O.Leitura *(SP)*, A Recreativa *(MG)*, Jornal da AEU *(MG)*, Usiminas Jornal *(MG),* O Galo *(RN)* ... e outras ovelhas desgarradas pela Internet também...

Rua Basílio de Brito, 28/605 - Cachambi
20.785-000 – Rio de Janeiro (RJ), Brasil
Tel: (55) 21 2201-2604

